



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Tayná Iha

O treinador de canoagem havaiana:
do estabelecimento do campo de atuação ao processo de *coaching*

Florianópolis

2020

Tayná Iha

O treinador de canoagem havaiana:
do estabelecimento do campo de atuação ao processo de *coaching*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Educação Física da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de mestre em Educação
Física
Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Iha, Tayná

O treinador de canoagem havaiana : do estabelecimento
do campo de atuação ao processo de coaching / Tayná Iha ;
orientador, Michel Milistetd, 2020.
98 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Trajetória de Vida. 3. Atuação. 4.
Esportes de Aventura. I. Milistetd, Michel. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Educação Física. III. Título.

Tayná Iha

O treinador de canoagem havaiana:

do estabelecimento do campo de atuação ao processo de *coaching*

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Vinicius Zeilmann Brasil
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Dr. Heitor de Andrade Rodrigues
Universidade Federal de Goiás

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Educação Física.

Prof^a Dr^a Kelly Samara da Silva
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Michel Milistetd
Orientador

Florianópolis, 2020.

Dedico este trabalho a todos os treinadores e instrutores que, com amor pela atuação, buscam difundir a real essência da canoagem havaiana.

AGRADECIMENTOS

Durante os dois longos anos do meu período de mestrado eu tive a oportunidade de passar por diferentes situações e experiências, tanto pessoais quanto profissionais, as quais marcaram essa fase da minha vida. Neste período pude compreender minhas motivações e os rumos que eu gostaria de tomar para mim, me encontrando como ser humano e como profissional. Porém, esses achados não foram unicamente mérito meu, eu tive a presença de pessoas muito especiais que me ajudaram a encontrar os caminhos e me deram suporte para segui-los. Deste modo, gostaria de aqui agradecer-los.

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu amor, Vitor, que me acompanhou em toda a minha formação, me guiando da melhor forma possível com suportes técnicos e emocionais para passar por tudo o que vinha pela frente, me mostrando a cada dia a importância desta fase. Agradeço por me guiarem e apoiarem em todas as minhas escolhas, racionais ou emocionais, nas minhas crises e nos meus (muitos) projetinhos paralelos. Obrigada por ser o meu porto seguro. Agradeço também por teres me introduzido e apresentado, em um dia frio e chuvoso de inverno, logo no início do mestrado, aquilo que me ajudou a sustentar esses dois anos, me dando energia e vontade de estudar, que se tornou parte não só do meu projeto, mas de mim, a canoagem havaiana.

Gostaria de agradecer aos meus mais que mentores, amigos, Maria Alice e Alemão. Obrigada por me apresentarem uma nova possibilidade de esporte e de sociedade, de integrarem a mim e meus sonhos aos sonhos de vocês. Foi nesse espaço que tive a oportunidade de ser, cada vez mais, aquilo que realmente sou, aquilo que me move. Com vocês aprendi mais do que lidar com situações controversas, do que enfrentar tempestades e mares revoltos, aprendi mais do que esporte, mais do que filosofia, eu aprendi, pelo exemplo, o que é o verdadeiro e essencial “bem”, o que é lutar por um ideal e, assim, mais do que ser um ser humano melhor, a oportunizar os outros a serem o melhor de si, pois nesse espaço eu acredito que as pessoas conseguem ser a melhor versão delas mesmas, graças a tudo o que vocês criaram.

Assim, estendo os meus agradecimentos à toda a família que vocês criaram, a família de vocês! Agradeço a todos os colaboradores, que contribuem para manter esse sonho real e, assim como brincamos, a todos os filhos, meus irmãos, meus lemes favoritos, Carlos, Gui Feio e Gui Lindo. Obrigada por terem recebido essa caçula aqui tão bem, minhas manhãs não poderiam ser melhores, agradeço pela relação que criamos, descontraída, com muitas

brincadeiras, risadas e conversas aleatórias, vocês são demais. A todos dessa grande família, o meu sincero OBRIGADA.

Gostaria de agradecer também o meu orientador, Michel, um verdadeiro líder. Parabênizo você por enxergares mais do que alunos, mestrandos e doutorando, por enxergares além de pesquisadores, além de resultados. Agradeço-te por reconheceres seres humanos, trajetórias e contextos, por prezares a qualidade e o real impacto social. Obrigada por teres compreendido as minhas motivações, intenções e (mudanças de) trajetória. Obrigada por teres comprado brigas comigo e por mim, por teres me apoiado e incentivado nas minhas decisões. Obrigada por me mostrar uma possibilidade de liderança eficiente e humana. Você é o líder que precisamos, desejo sucesso na sua trajetória e desenvolvimento!

Estendo assim os meus agradecimentos aos colegas do NuPPE/LAPE (Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte) pelo suporte acadêmico e emocional. Desejo a todos vocês sucesso em suas trajetórias, sejam elas convencionais ou não, vocês sairão daí preparados e capacitados para enfrentar o que for do agrado de vocês! Agradeço ao Prof. Juarez por ter criado esse núcleo e a base que nele se mantém até hoje, de trocas, compartilhamentos e integração. Agradeço a CAPES, pelo suporte financeiro que me possibilitou a condução deste mestrado. Agradeço também aos membros da banca, pelo tempo dedicado à apreciação dessa dissertação e pelas ricas contribuições, tanto no período de qualificação, quanto aqui na sua avaliação.

Por fim, agradeço aos meus familiares e amigos. Obrigada por me darem suporte nessa fase de altos e baixos, de muitas vezes me entenderem mais do que a mim mesma e por me darem forças para seguir sempre em frente. Obrigada pai, mãe, irmão e vó, eu amo muito vocês.

RESUMO

O presente estudo buscou analisar o estabelecimento do campo de atuação e o processo de *coaching* na canoagem havaiana. Este estudo se caracteriza por adotar uma abordagem qualitativa, descritiva e narrativa, bem como se configura como um estudo de caso. O participante investigado é um treinador de canoagem havaiana de destaque atuante em Florianópolis. Para a coleta de dados foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas com o treinador, sendo duas acerca do estabelecimento do campo de atuação e contexto do treinador e seis sobre o processo de *coaching*; e foram recolhidos três planos de aulas, as quais foram filmadas e observadas. Foi realizada a triangulação dos dados e estes foram analisados pela técnica de análise temática dedutiva-indutiva, a qual foi efetuada por meio dos softwares *Microsoft Office Word*, *Express Scribe Transcription* e *QSR NVivo 10*. O estabelecimento do campo de atuação foi identificado por episódios marcantes da trajetória de vida, tais como: infância, inserção na canoagem havaiana, trilhando por um novo caminho, a estruturação do clube, consequências do crescimento: positivas e negativas, busca constante por conhecimento e dias atuais. Já o processo de *coaching* contemplou três fases, o pré-treino (planejamento), o treino (condução do treino) e pós-treino (avaliação e reflexão). O desenvolvimento do treinador pareceu se dar pelas experiências ao longo da vida, iniciando por aquelas vivenciadas na infância. Já o estabelecimento do campo de atuação se deu por iniciativa própria, uma vez que a canoagem havaiana era emergente no Brasil e ainda não possuía um campo estabelecido. Todas as fases do processo de *coaching* do treinador investigado parecem sofrer influências das características do ambiente de prática (imprevisibilidade e risco), o que os diferencia do processo de *coaching* de modalidades convencionais.

Palavras-chave: Trajetória de Vida. Atuação Profissional. Esportes de Aventura.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the establishment of the professional field and the coaching process in outrigger canoeing. A descriptive and narrative qualitative approach was used in this case study. The participant is a prominent outrigger canoeing coach of Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. Eight semi-structured interviews were conducted with the coach: two regarding the establishment of the coach's professional field and context; and six regarding the coaching process. Three practices were video recorded and had the practice plans collected. Data were triangulated and analyzed using the deductive-inductive thematic analysis technique, which was performed using Microsoft Office Word, Express Scribe Transcription, and QSR NVivo 10 software. The establishment of the professional field occurred through episodic experiences in this coach's life trajectory, such as: childhood, inclusion in outrigger canoeing, following a new path, club structure, growth consequences: positive and negative, constant search for knowledge, and current days. The coaching process included three phases: pre-training (planning), training (conducting training), and post-training (assessment and reflection). The coach's development seemed to take place through lifelong experiences, starting with those in early childhood. The professional field was established on its own initiative, since outrigger canoeing was an emerging sport in Brazil and did not yet have an established field. All phases of the coaching process investigated seem to be influenced by the characteristics of the practice environment (unpredictability and risk), which sets them apart from the coaching process of traditional sports.

Keywords: Life Trajectory. Coaching. Adventure sports.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos artigos para a revisão sistemática.	25
Figura 2 - Análise espiral de Creswell.	43
Figura 3 - Árvore de códigos do pré-treino.	64
Figura 4 - Árvore de códigos do treino.	67
Figura 5 - Árvore de códigos do pós-treino.	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Construção da sintaxe para as buscas nas bases de dados.	24
Quadro 2 - Detalhamento do procedimento de coleta de dados.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Avaliação dos artigos segmentada pelas dimensões do <i>checklist</i> COREQ.....	27
Tabela 2 - Dados gerais dos artigos incluídos na revisão.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EA - Esportes de Aventura

TEA - Treinadores de Esportes de Aventura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	15
1.2	OBJETIVOS	17
1.2.1	Objetivo Geral	17
1.2.2	Objetivos Específicos	17
1.3	JUSTIFICATIVA.....	18
1.4	DELIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	19
1.5	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	19
2	AS IMPLICAÇÕES DO <i>COACHING SCIENCE</i> NOS ESPORTES DE AVENTURA: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA	22
2.1	INTRODUÇÃO	22
2.2	MÉTODOS	23
2.3	RESULTADOS.....	27
2.4	DISCUSSÃO	32
2.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
3	A TRAJETÓRIA DE VIDA DO TREINADOR DE CANOAGEM HAVAIANA: DESAFIOS INERENTES AO ESTABELECIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	40
3.1	INTRODUÇÃO	40
3.2	MÉTODOS	42
3.3	RESULTADOS.....	45
3.4	DISCUSSÃO	50
3.5	CONCLUSÃO	53
4	O PROCESSO DE <i>COACHING</i> NA CANOAGEM HAVAIANA	57
4.1	INTRODUÇÃO	57
4.2	MÉTODOS	59

4.3	RESULTADOS.....	64
4.4	DISCUSSÃO	72
4.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
5.1	SÍNTESE DAS PRINCIPAIS EVIDÊNCIAS.....	80
5.2	IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E DIRECIONAMENTOS PARA ESTUDOS FUTUROS.....	81
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE A – Parecer do comitê de ética em pesquisa com seres humanos.....	86
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	91
	APÊNDICE C – Guia da entrevista semiestruturada (Estudo II).....	93
	APÊNDICE D – Guias das entrevistas semiestruturadas (Estudo III)	95

1 INTRODUÇÃO

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Na última década houve expressivo aumento de estudos nacionais e internacionais acerca do treinador esportivo, estes subdividem-se em diversas áreas, entre as quais, pode-se destacar três: *coach education*, *coach development* e *coaching*. O *coach education* traz estudos acerca da estrutura dos cursos de formação em que os treinadores se engajam e as estratégias utilizadas nestes (CIAMPOLINI *et al.*, 2019). O *coach development* engloba a formação do treinador como um todo, principalmente sua trajetória de vida e aprendizagem (CUSHION *et al.*, 2010; BRASIL *et al.*, 2018). Diferentemente dessas duas áreas, os estudos sobre o *coaching* tem buscado investigar principalmente a natureza e as características do trabalho do treinador, a partir da compreensão da sua realidade complexa de prática (CÔTÉ *et al.*, 1995; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006; GILBERT; CÔTÉ, 2009).

Para Jones e Wallace (2005) o *coaching* é uma atividade que beira a instabilidade, em que o treinador precisa coordenar suas ações para organizar, monitorar e responder às circunstâncias para desenvolver e aprimorar seus atletas e equipe. Côté e colaboradores (1995) desenvolveram o “*coaching model*”, modelo que busca apresentar as variáveis que interferem no trabalho do treinador. As variáveis periféricas compreendem as características do treinador e seus objetivos, as características dos atletas e seu nível de desenvolvimento e os fatores contextuais (CÔTÉ *et al.*, 1995). Já as variáveis centrais compreendem o que os autores denominam de “*coaching process*”, mais específico a atuação, que envolve: a organização, para desenvolver condições ótimas de treinamento e competição; o treinamento, para desenvolver habilidades técnicas e mentais nos atletas; e a competição, para promover o potencial dos atletas (CÔTÉ *et al.*, 1995). Independentemente do olhar atribuído, o processo de *coaching* é comum a treinadores de diversas modalidades, sejam elas coletivas ou individuais, porém algumas peculiaridades têm sido observadas quando se trata de treinadores de esportes de aventura (TEA).

Os TEA compreendem um conjunto de habilidades profissionais e pessoais na modalidade que atuam, as quais balizam a sua atuação que, por meio do bem-estar e segurança, busca desenvolver nos atletas a autonomia na prática esportiva (COLLINS; COLLINS, 2012). O bem-estar e segurança são componentes cruciais no ensino dos esportes de aventura (EA), uma vez que estas modalidades são praticadas em ambientes naturais e contam constantemente

com a presença de riscos e incertezas (PAIXÃO *et al.*, 2011). Estes elementos interferem diretamente no processo de *coaching*, o qual deve ser balizado pelo julgamento profissional e tomada de decisão, que se refere às habilidades pedagógicas para selecionar as estratégias de ensino adequadas às possibilidades do praticante e das condições do ambiente (COLLINS; COLLINS, 2015).

Nos últimos anos tem-se percebido a crescente dos esportes de aventura como um fenômeno social, os quais cada vez mais têm se popularizado e ganhado adeptos ao longo dos anos (THORPE; WHEATON, 2011). Porém, por ainda serem recentes no âmbito esportivo geral, os EA ainda se encontram em fase de desenvolvimento, em que o corpo organizacional e entidades representativas de algumas modalidades ainda estão passando por um processo de estruturação e oficialização, muitas vezes em estágio embrionário (CBME, 2016; CBSK, 2016; CBVAA, 2017). Acredita-se que este movimento recente tenha se iniciado a partir da “esportivização” de algumas modalidades e, provavelmente, está relacionado à inclusão dessas em megaeventos esportivos (THORPE; WHEATON, 2011; MOTA; SEDA, 2016), como por exemplo o skate, o surf, a escalada (mais recentes), a vela e a canoagem (mais antigas) nos Jogos Olímpicos de Verão. Apesar da canoagem ser uma modalidade de aventura mais antiga e já estabelecida nos megaeventos esportivos, uma de suas subcategorias, a canoagem havaiana, tem se popularizado em algumas regiões do Brasil, ganhando um grande número de adeptos (CBCA, 2019b).

A canoagem havaiana é um esporte de aventura praticado na água, em que os praticantes (remadores) ficam dispostos linearmente dentro de uma canoa e buscam se deslocar na água por meio da propulsão a remo (CBCA, 2019c). Apesar da sua rápida popularização no cenário nacional, esta modalidade ainda possui uma organização recente, já que em 2016 foi emancipada da confederação de canoagem e criou sua própria confederação (CBCA, 2019a). Desta forma, por se tratar de uma modalidade emergente, ela apresenta deficiências devido à recente estruturação organizacional, a qual concentra-se na elaboração de regras de competição e promoção de eventos e não abarca a atuação dos treinadores (CBVAA, 2019).

Se por um lado a atuação desses treinadores não tem sido suportada pelas entidades representativas, por outro o contexto científico já tem buscado compreender como os treinadores têm atuado por si só. Contudo, esses estudos ainda estão dispersos, sem promover um corpo de conhecimento organizado, como apresentado pelos esportes convencionais por meio das revisões sistemáticas. Por exemplo, o primeiro estudo de revisão acerca do treinador esportivo foi realizado por Gilbert e Trudel (2004), em que os autores apresentaram a literatura

existente entre os anos de 1970 e 2001. As revisões seguintes basearam-se em temas específicos, como a aprendizagem, os programas de formação e as estratégias utilizadas, entre outros (LANGAN; BLAKE; LONSDALE, 2013; WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018; CIAMPOLINI *et al.*, 2019). Contudo, observa-se que nesse conjunto de revisões não foi encontrada nenhuma sobre treinadores de esportes de aventura, seja de levantamento de publicações ou sobre as especificidades da atuação. Desta forma, ao compreender o cenário científico, esportivo e social dos treinadores de esportes de aventura e da canoagem havaiana, a presente pesquisa busca responder as seguintes questões:

Qual é a produção científica sobre o *coaching* nos esportes de aventura? Quais são as situações episódicas da trajetória de vida de um treinador de canoagem havaiana no desenvolvimento e estabelecimento do seu campo de atuação? Como ocorre o processo de *coaching* na canoagem havaiana?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o estabelecimento do campo de atuação e o processo de *coaching* na canoagem havaiana.

1.2.2 Objetivos Específicos

Analisar a produção científica sobre o *coaching* nos esportes de aventura, de modo a identificar as características dos artigos, os direcionamentos metodológicos e as tendências temáticas.

Descrever as situações episódicas da trajetória de vida de um treinador de canoagem havaiana no desenvolvimento e estabelecimento do seu campo de atuação.

Analisar o processo de *coaching* na canoagem havaiana em um treinador de Santa Catarina.

1.3 JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos a literatura voltada ao treinador esportivo tem se fortalecido por estudos nacionais e estrangeiros nas suas diversas áreas (GILBERT; CÔTÉ, 2009; MILISTETD *et al.*, 2014; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016), inclusive aqueles voltados ao processo de *coaching*, os quais se encontram consolidados. Esses estudos apresentam desde estratégias, propósitos e conteúdo de ensino até procedimentos de avaliação da prática, contudo são direcionados para esportes convencionais (sejam eles individuais ou coletivos) não havendo diferenciações quanto ao tipo de esporte, como por exemplo os esportes de aventura (MESQUITA, 2000; COSTA; NASCIMENTO, 2004; GRAÇA; MESQUITA, 2007). Como uma forma de suprir essa necessidade, recentemente a ciência dos esportes de aventura têm se aproximado da literatura acerca do treinador esportivo, buscando identificar suas peculiaridades (COLLINS; COLLINS, 2012; BRASIL, 2015; BRASIL *et al.*, 2016). Assim, o presente projeto justifica-se como uma forma de contribuir no preenchimento dessa lacuna, especificamente na área do processo de *coaching* dos TEA e da modalidade canoagem havaiana.

Apesar do acelerado crescimento e popularização da canoagem havaiana no cenário esportivo de rendimento e lazer, a realização de pesquisas científicas nessa modalidade ainda é pouco expressiva. Os estudos voltados a essa modalidade se concentram nas áreas da cineantropometria, da fisiologia e de lesões, entre outras não relacionadas à pedagógica (HUMPHRIES *et al.*, 2000; HALEY; NICHOLS, 2009; CARVALHO; GONZALEZ; SANTOS, 2012). Sendo assim, o presente estudo contribuirá para fortalecer o contexto científico da modalidade, especificamente na área de ensino.

Além de contribuir para o meio científico, a presente pesquisa justifica-se também socialmente, pois pretende auxiliar no meio prático a partir dos treinadores ou instrutores na sua atuação profissional. Tal auxílio poderá atingir tanto os futuros treinadores que buscam iniciar sua trajetória profissional, quanto aqueles já atuantes em busca de aperfeiçoamento, pois este estudo poderá indicar elementos diferentes dos utilizados no processo de *coaching* atual. Complementarmente, a presente pesquisa pretende contribuir para o desenvolvimento e estruturação da modalidade no Brasil, uma vez que sua estrutura organizacional ainda é recente e carece de suporte.

Por fim, como justificativa pessoal, a escolha do tema se deu pela proximidade da pesquisadora com a área da pedagogia esportiva, uma vez que esta participou em sua graduação em Educação Física do Laboratório de Pedagogia do Esporte e desenvolveu seu trabalho de

conclusão de curso no mesmo. Além desses fatores, a pesquisadora é praticante e instrutora de canoagem havaiana no local a ser estudado, assim, pelos motivos supracitados surgiu o interesse em responder à questão do presente estudo.

1.4 DELIMITAÇÕES DO ESTUDO

O estudo teórico dessa dissertação, a revisão sistemática, objetivou a analisar a produção científica, até junho de 2018, acerca de treinadores de esportes de aventura de modalidades de verão. Esta revisão buscou apresentar as características, os direcionamentos metodológicos e as tendências temáticas dos estudos inclusos, bem como as peculiaridades dos TEA quando comparados com treinadores de esportes convencionais. O primeiro artigo empírico objetivou apresentar a trajetória de vida de um único treinador de canoagem havaiana ao que tange o desenvolvimento e estabelecimento do seu campo de atuação. Já o segundo artigo empírico buscou analisar o processo de *coaching* de um único treinador de canoagem havaiana.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A estrutura da presente dissertação segue o modelo alternativo, conforme Artigo 6º da Norma PPGEF 02/2008, o qual deve compreender uma coletânea de artigos ou capítulos de livros. Esta dissertação contempla em sua totalidade três artigos, os quais estão apresentados nas próximas seções sob as normas das revistas para as quais foram submetidos, conforme Artigo 11º da Norma PPGEF 02/2008. O primeiro artigo apresentado é de caráter teórico e os outros dois empíricos, respectivamente:

Artigo I: As implicações do *coaching science* nos esportes de aventura: um estudo de revisão sistemática

O objetivo deste estudo foi analisar a produção científica sobre o *coaching* nos esportes de aventura, de modo a identificar as características dos artigos, os direcionamentos metodológicos e as tendências temáticas. Para a obtenção dos artigos foi realizada uma revisão sistemática segundo as orientações do ENTREQ e PRISMA. Foram selecionados 24 artigos indexados nas bases de dados Scielo, SPORTDiscus, Web of Science, PubMed e PsycINFO. Os artigos incluídos foram, em sua maioria, publicados nos últimos cinco anos e originários do

Reino Unido. O método mais utilizado foi o qualitativo, pelas técnicas de entrevistas e observações. Já as tendências temáticas dividiram-se em: atuação e desenvolvimento do treinador de esportes de aventura (TEA). Conclui-se que as características do ambiente de prática (ex: risco e instabilidade) é o que influencia diretamente a atuação e desenvolvimento do TEA. Apesar desta área ser recente, acredita-se que ela já apresenta conhecimentos de base para estudos futuros.

Artigo II: A trajetória de vida do treinador de canoagem havaiana: desafios inerentes ao estabelecimento e desenvolvimento do campo de atuação profissional

O objetivo do presente estudo foi descrever as situações episódicas da trajetória de vida de um treinador de canoagem havaiana no desenvolvimento e estabelecimento do seu campo de atuação. Foi realizada uma entrevista semiestruturada baseada em incidentes críticos. A análise dos dados se deu pela espiral de Creswell e os resultados foram apresentados em vinhetas do tipo retrato. Identificou-se sete contextos com os episódios marcantes da sua trajetória, divididos nas vinhetas: infância, inserção na canoagem havaiana, trilhando por um novo caminho, a estruturação do clube, consequências do crescimento: positivas e negativas, busca constante por conhecimento e dias atuais. O desenvolvimento do treinador pareceu se dar pelas experiências ao longo da vida, iniciando por aquelas vivenciadas na infância. Já o estabelecimento do campo de atuação se deu por iniciativa própria, uma vez que a canoagem havaiana era emergente no Brasil e ainda não possuía um campo estabelecido.

Artigo III: O processo de *coaching* na canoagem havaiana.

O objetivo do presente estudo foi analisar o processo de *coaching* na canoagem havaiana por um treinador de Santa Catarina. Foi realizado um estudo de caso intrínseco com triangulação de dados. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, observações e análise documental. A análise dos dados foi realizada pela técnica de análise temática dedutiva-indutiva e os resultados foram apresentados por meio de árvores de códigos e vinhetas do tipo retrato. O processo de *coaching* do treinador investigado parece se dividir em três etapas: pré-treino, o planejamento; o treino, condução do treino; e pós-treino, avaliação e reflexão. Acredita-se que todos os diferenciais do processo de *coaching* do treinador

investigado, quando comparado com treinadores de modalidades convencionais, parecem estar associados às características do ambiente de prática, como imprevisibilidade e risco.

2 AS IMPLICAÇÕES DO *COACHING SCIENCE* NOS ESPORTES DE AVENTURA: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA

2.1 INTRODUÇÃO

A complexidade inerente ao *coaching* no contexto esportivo é um aspecto constantemente destacado na literatura (BOWES; JONES, 2006; CUSHION, 2007) sendo que a análise deste fenômeno tem revelado importantes elementos constituintes desse processo. Por definição, o processo de *coaching* compreende as ações do treinador na organização, treinamento e competição de atletas a partir dos objetivos estabelecidos a curto, médio e longo prazo (COTÉ *et al.*, 1995; ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006), influenciadas pelas características pessoais do treinador e dos atletas, pelo desenvolvimento dos atletas e por fatores contextuais (COTÉ *et al.*, 1995). Nesta perspectiva, pode-se compreender o *coaching* pela metáfora da orquestração (*orchestration*), a qual apresenta o treinador como aquele que rege de forma coordenada suas ações, lidando com as variáveis do ambiente para alcançar objetivos próprios, dos atletas e da equipe (JONES; WALLACE, 2005).

Referente ao *coaching* nos esportes de aventura (EA), a complexidade adicional às ações do treinador parece estar ligada à instabilidade do ambiente de prática, seja ele terrestre (rua e montanha), aquático (mar e lago) ou aéreo (ar) (BETRÁN; BETRÁN, 1995; COLLINS; COLLINS, 2015a). Além da competência técnica necessária para manusear o equipamento utilizado, o treinador de esportes de aventura (TEA) deve considerar a instabilidade do ambiente de prática e a presença do risco à integridade física própria e do praticante (COLLINS; COLLINS, 2012; 2013; 2015a). Além do mais, é responsabilidade do TEA gerenciar o risco inerente a prática, proporcionando segurança e bem-estar aos praticantes (COLLINS; COLLINS, 2013). Apesar das investigações conduzidas acerca do TEA auxiliarem na compreensão das especificidades relacionadas ao *coaching* nessas modalidades, o corpo de conhecimento relacionado ao treinador esportivo dos esportes convencionais ainda parece ser substancialmente superior.

Por exemplo, quando se trata de revisões de literatura acerca do treinador esportivo, diversos estudos têm sido realizados nos últimos anos. Inicialmente, Gilbert e Trudel (2004) conduziram a primeira revisão sobre a temática, realizando um levantamento sobre os estudos publicados entre 1970 e 2001. Nos últimos anos, as revisões têm apresentado um caráter mais específico de busca e análise da produção científica, incluindo a efetividade de programas de

formação de treinadores (LANGAN; BLAKE; LONSDALE, 2013), as percepções de treinadores sobre as estratégias de ensino propostas em programas de formação (CIAMPOLINI *et al.*, 2019) e a aprendizagem informal (no dia a dia) e não-formal (em cursos) de treinadores (WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018). Embora se reconheça as relevantes contribuições desses estudos, destaca-se que as investigações no âmbito do *coaching* nos esportes de aventura não têm sido considerados como objetos de análise até o presente momento.

Do mesmo modo que a revisão de literatura inicial conduzida por Gilbert e Trudel (2004) contribuiu com a obtenção de um panorama da produção científica sobre o treinador esportivo, destaca-se a importância de um estudo de revisão que revele os direcionamentos das investigações sobre o *coaching* nos EA. Nos últimos anos, a popularização dos EA tem aumentado consideravelmente repercutindo no crescente número de praticantes e treinadores (THORPE; WHEATON, 2011). Destaca-se ainda, que em 2020, além dos EA que já estavam presentes na última edição dos Jogos Olímpicos de Verão (Canoagem, Remo e Vela), outras novas modalidades serão incluídas como a Escalada, o Surfe e o Skate (MOTA; SEDA, 2016). Portanto, considerando as evidentes demandas para a prática esportiva e intervenção profissional no âmbito dos esportes de aventura, assim como a necessidade de identificar as tendências e lacunas investigativas nessa área, o objetivo deste estudo foi realizar uma análise da produção científica sobre o *coaching* nos EA de modo a identificar as características dos estudos, os direcionamentos metodológicos e tendências temáticas, por meio de procedimentos de revisão sistemática.

2.2 MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada segundo o guia de revisão sistemática específico à ciência do *coaching* (BENNIE *et al.*, 2017) e as recomendações PRISMA (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015) de modo a identificar as publicações científicas acerca do TEA. A busca dos artigos foi realizada no mês de junho de 2018 e consistiu nos passos apresentados a seguir.

Estratégias de busca

A busca dos artigos se deu nas bases de dados Scielo, SPORTDiscus, Web of Science, PubMed e PsycINFO. A sintaxe utilizada para a busca foi construída com termos de dois

grupos: esporte e treinador. Para combinar os grupos utilizou-se o operador booleano “AND” e para buscar mais de um termo dentro do grupo utilizou-se o operador booleano “OR”, além disso utilizou-se aspas para os termos longos afim de evitar que estes fossem buscados como palavras distintas. A busca nas bases de dados foi realizada com ambas as sintaxes (Quadro 1) e nenhum filtro foi adicionado a priori.

Quadro 1 – Construção da sintaxe para as buscas nas bases de dados.

	PORTUGUÊS	INGLÊS
ESPORTE	Esporte de aventura Esporte ao ar livre Esporte radical	<i>Adventure sport</i> <i>Outdoor sport</i> <i>Extreme sport</i>
TREINADOR	Treinador Instrutor	<i>Coach</i> <i>Instructor</i>
SINTAXE	treinador OR instrutor AND "esporte de aventura" OR "esporte ao ar livre" OR "esporte radical"	<i>coach</i> OR <i>instructor</i> AND " <i>adventure sport</i> " OR " <i>outdoor sport</i> " OR " <i>extreme sport</i> "

Fonte: Próprio autor

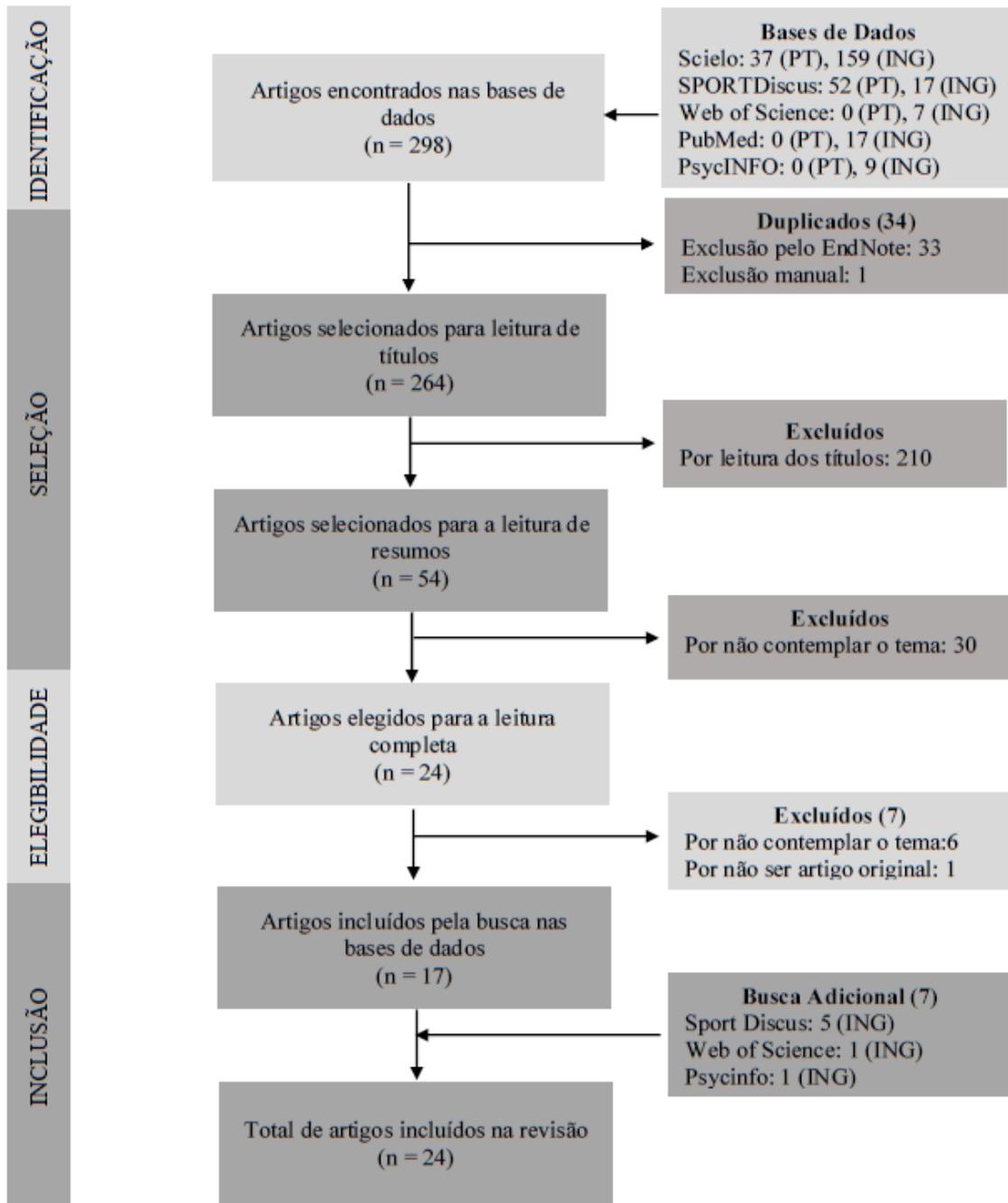
Ao compreender que artigos envolvendo o tema poderiam tratar de uma única modalidade de aventura e não usar o termo “esportes de aventura”, fez-se uma busca adicional para minimizar a perda destes. Para esta busca, selecionou-se todos os EA previstos para os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 (canoas, caiaque, remo, vela, windsurfe, escalada e surfe) e formou-se sintaxes com os termos referentes aos treinadores. Para cada esporte fez-se uma sintaxe e as buscas foram individuais; todas elas foram realizadas nas mesmas bases da busca principal. Neste processo complementar foram incluídos sete novos artigos.

Seleção dos artigos

Ao todo, foram encontrados 298 artigos na busca principal, os quais foram incluídos no *software* EndNote versão X7. Os artigos duplicados foram excluídos e, em seguida, fez-se a conferência da lista para exclusões manuais quando necessário. O processo de seleção dos artigos (Figura 1) foi realizado por dois revisores independentes e, quando houve divergência das informações, a decisão a ser tomada se deu por meio de reunião de consenso. Quando essa divergência permaneceu, houve a intervenção de um terceiro autor para a decisão final. A

primeira etapa consistiu na leitura dos títulos, seguida pela leitura dos resumos e, por último, a leitura dos artigos na íntegra.

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos artigos para a revisão sistemática.



Fonte: Próprio autor.

Legenda: PT = português; ING = inglês.

Para a seleção foram adotados três critérios de inclusão: contemplar o TEA como tema central, estar publicado na língua portuguesa ou inglesa e ser artigo original. Foram adotados

como critérios de exclusão: contemplar instrutores como tema central, artigos de revisão ou validação de instrumento e não ter acesso ao artigo na íntegra. Os artigos que investigaram instrutores não foram incluídos na revisão, uma vez que a sua atuação não se configura como um TEA. Porém, a inclusão do termo “instrutor” na sintaxe se deu de modo a evitar a perda de artigos que poderiam ter usado esta terminologia para se referir a treinadores, desta forma, com a leitura na íntegra foi possível fazer a identificação. A partir da busca nas bases de dados e da aplicação dos critérios supracitados foram selecionados 24 artigos para esta revisão.

Extração e análise dos dados

Esta etapa foi realizada por dois pesquisadores de forma independente e incluiu reuniões de consenso quando necessário. Os dados extraídos do corpo dos artigos foram: autores, ano de publicação, país em que ocorreu a investigação, modalidades esportivas investigadas, método utilizado, tema central e contexto de formação do treinador estudado.

Avaliação da qualidade dos artigos

Para a avaliação da qualidade dos artigos incluídos na revisão, utilizou-se o *checklist* COREQ (TONG; SAINSBURY; CRAIG, 2007), que contempla 32 itens distribuídos em três categorias de avaliação: equipe de pesquisa e reflexividade; desenho do estudo e; análise e resultados. Este procedimento foi adotado para permitir aos leitores a avaliação da fidedignidade e confiabilidade das informações apresentadas. Toda a avaliação foi conduzida por dois autores de maneira conjunta.

Devido ao instrumento se propor a avaliar somente artigos que utilizam entrevistas e grupo-focal como instrumento, três dos 24 artigos inclusos não participaram desta avaliação (MILLAR; OLDHAM; DONOVAN, 2011; KIOSOGLIOUS; VIDIC, 2017; MILLAR *et al.*, 2017). Dos 21 artigos avaliados, quase todos compreenderam mais do que 50% dos itens, um ficou abaixo dessa marca e 10 compreenderam mais do que 65%. Para compreender as porcentagens referentes à cada dimensão avaliada pelo *checklist*, consultar a Tabela 1.

Tabela 1 - Avaliação dos artigos segmentada pelas dimensões do *checklist* COREQ.

ARTIGOS	DIMENSÕES (%)			TOTAL (%)
	<i>Equipe de pesquisa e reflexividade</i>	<i>Desenho do estudo</i>	<i>Análise e resultados</i>	
Brasil <i>et al.</i> (2016)	25	60	77,8	56,3
Brasil <i>et al.</i> (2017)	12,5	80	100	68,8
Christian, Berry e Kearney (2017)	25	53,3	66,7	50
Collins, Collins e Carson (2016)	75	46,7	88,9	65,6
Collins, Collins e Grecic (2015)	75	66,7	66,7	68,8
Collins e Collins (2015a)	87,5	60	88,9	75
Collins e Collins (2015b)	62,5	60	88,9	68,8
Collins e Collins (2016b)	75	53,3	88,9	68,8
Collins e Collins (2016a)	62,5	53,3	88,9	65,6
Duarte e Culver (2014)	25	78,57	77,8	64,5
Gray e Collins (2016)	37,5	73,3	66,7	62,5
Lorimer e Holland-Smith (2012)	12,5	57,1	66,7	48,4
Ramos, Brasil e Goda (2012)	0	46,7	100	50
Ramos, Brasil e Goda (2013)	25	73,3	88,9	65,6
Ramos <i>et al.</i> (2014)	25	66,7	77,8	59,4
Saury e Durand (1998)	25	60	77,8	56,3
Simon, Collins e Collins (2017)	37,5	53,3	66,7	53,1
Correia e Bertram (2018)	75	73,3	88,9	78,1
Mahoney <i>et al.</i> (2016)	0	60	88,9	53,1
MacLellan, Callary e Young (2018)	12,5	66,7	77,8	56,3
Pope, Penney e Smith (2018)	50	71,4	55,5	61,3
TOTAL (%)	39,52	62,5	80,42	-

Fonte: próprio autor.

2.3 RESULTADOS

Características das pesquisas sobre o *coaching* nos EA

A partir da análise dos artigos selecionados (24) verificou-se que esses estudos se originaram, predominantemente, do Reino Unido (11) e do Brasil (5) (Tabela 2). Relativo ao ano de publicação dos artigos, destaca-se que o primeiro manuscrito publicado, de autoria de Saury e Durand (1998), analisou o conhecimento de treinadores *experts* de vela olímpica. Após um intervalo de 13 anos sem publicações na área, constatou-se um número reduzido de artigos

publicados de maneira dispersa entre 2011 e 2014. Se, por um lado, de 1998 a 2014 foram publicados seis artigos envolvendo o *coaching* nos EA, a partir de 2015 houve um aumento exponencial de publicações sobre este tema, sendo publicados 18 artigos até o ano de 2019. Referente as modalidades esportivas contempladas nos artigos, verificou-se o predomínio de esportes de aventura praticados em ambiente aquático, destacadamente, o surf, a vela, o caiaque e a canoagem.

Tabela 2 - Dados gerais dos artigos incluídos na revisão.

ARTIGO	TEMÁTICA	PAÍS	MODALIDADE	MÉTODO	FORMAÇÃO TEA
Brasil <i>et al.</i> (2016)	<i>Coaching</i>	Brasil ^a	Surf	Qualitativo	Instituição educacional Federação esportiva
Brasil <i>et al.</i> (2017)	<i>Coaching</i>	Brasil ^a	Surf	Qualitativo	Instituição educacional Federação esportiva
Christian, Berry e Kearney (2017)	Desenvolvimento <i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Vela, escalada, surf, mountain bike, esqui	Qualitativo	Federação esportiva
Collins, Collins e Carson (2016)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Caiaque, canoagem, montanhismo, escalada, mountain bike e esqui	Qualitativo	Federação Esportiva
Collins, Collins e Grecic (2015)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Esportes de aventura e rugby union*	Qualitativo	Federação Esportiva
Collins e Collins (2015a)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Caiaque, canoagem, montanhismo, escalada em rocha, mountain bike, telemark e esqui alpino	Qualitativo	Federação Esportiva
Collins e Collins (2015b)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Caiaque, canoagem, montanhismo, escalada, mountain bike e cross-country, telemark e esqui alpino	Qualitativo	Federação Esportiva
Collins e Collins (2016b)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Caiaque, canoagem, montanhismo, escalada, mountain bike e esqui alpino	Qualitativo	Federação Esportiva
Collins e Collins (2016a)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Caiaque, canoagem, montanhismo, escalada em rocha, mountain bike e esqui alpino	Qualitativo	Federação Esportiva
Duarte e Culver (2014)	Desenvolvimento	Canadá ^b	Vela paralímpica	Qualitativo	Instituição educacional
Gray e Collins (2016)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Esportes de remo	Qualitativo	Federação esportiva
Lorimer e Holland-Smith (2012)	Desenvolvimento	Reino Unido ^b	Escalada e caiaque	Qualitativo	Instituição educacional Federação esportiva Organização nacional/estadual
Ramos, Brasil e Goda (2012)	Desenvolvimento	Brasil ^a	Surf	Qualitativo	Instituição educacional
Ramos, Brasil e Goda (2013)	<i>Coaching</i>	Brasil ^a	Surf	Qualitativo	Instituição educacional
Ramos <i>et al.</i> (2014)	Desenvolvimento	Brasil ^a	Surf	Qualitativo	Instituição educacional
Saury e Durand (1998)	<i>Coaching</i>	França ^b	Vela	Qualitativo	Organização nacional/estadual
Simon, Collins e Collins (2017)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Esportes de remo	Qualitativo	Federação esportiva
Correia e Bertram (2018)	<i>Coaching</i>	Portugal ^b	Surf	Qualitativo	Federação esportiva
Mahoney <i>et al.</i> (2016)	<i>Coaching</i>	Reino Unido ^b	Remo	Qualitativo	Federação esportiva
Maclellan, Callary e Young (2018)	<i>Coaching</i>	Canadá ^b	Canoa e caiaque	Qualitativo	Instituição Educacional Organização nacional/estadual
Millar, Oldham e Donovan (2011)	<i>Coaching</i>	Inglaterra ^b	Remo	Quantitativo	NI
Millar <i>et al.</i> (2017)	<i>Coaching</i>	Nova Zelândia ^b	Remo	Quali/Quanti	NI
Pope, Penney e Smith (2018)	<i>Coaching</i>	Nova Zelândia ^b	Remo	Qualitativo	Instituição educacional
Kiosoglous e Vidic (2017)	Desenvolvimento	Estados Unidos ^b	Remo	Quantitativo	NI

Fonte: Próprio autor.

*não é esporte de aventura, mas foi utilizado a fim de comparação no artigo

Legenda: α (português); β (inglês); Instituição educacional (cursos de educação superior); Federação esportiva (cursos de certificação específicos do esporte); Organização nacional/estadual (cursos de certificação esportiva geral); NI (não informado).

Abordagens e procedimentos metodológicos das pesquisas sobre *coaching* nos EA

A respeito da abordagem dos artigos analisados a maioria deles caracterizaram-se como estudos empíricos, realizados por meio de procedimentos de pesquisa qualitativa, com predomínio da utilização de técnicas de coleta de dados como entrevista semiestruturada e observação. Por outro lado, os artigos orientados a partir de procedimentos quantitativos priorizaram a utilização das técnicas de análise de correlação e regressão múltipla.

No que se refere aos treinadores pesquisados nos estudos, o contexto de atuação foi predominantemente de rendimento, sendo poucos envolvidos no contexto de desenvolvimento e participação. Quanto à formação destes treinadores (Tabela 2), grande parte apresentou certificação no contexto federativo, seguido pela formação universitária e de organizações nacionais. É importante destacar que todos os treinadores apresentaram formação universitária nos artigos desenvolvidos no Brasil. Por fim, treinadores experientes parecem ter sido o maior público investigado, visto o tempo de atuação elevado em diversos artigos selecionados para esta revisão.

Enfoques temáticos dos estudos sobre *coaching* nos EA

Referente aos temas abordados nos artigos incluídos na revisão, foram identificados dois direcionamentos temáticos principais: atuação do TEA e desenvolvimento do TEA. A primeira abrange os conhecimentos e a intervenção; já a segunda compreende a aprendizagem e a trajetória de vida.

Atuação do TEA

Conhecimentos

Os artigos nesta temática apontam para a necessidade do TEA dominar os conhecimentos específicos da modalidade praticada (contexto, equipamento, praticante). Compreender as variáveis naturais e a interação entre elas parece refletir na escolha dos equipamentos, os quais também se diferenciam quanto às necessidades do praticante para uma

modalidade específica dentro do esporte. Conhecer sobre as ciências do esporte (tais como: Fisiologia, Psicologia, Pedagogia, entre outras), auxilia no processo de ensino aprendizagem, em que os TEA buscam compartilhar o conhecimento da melhor forma possível a seus aprendizes. Como uma forma de se envolver e gerar confiança, o treinador acaba por assumir o papel de amigo, ficando próximo de seu aluno, fortalecendo as relações interpessoais entre ambos e, assim, sendo capaz de compreender as motivações e interesses que permeiam o aluno. Conhecer os próprios objetivos, o planejamento e a organização dos treinos também parece importante para poder desenvolver comportamentos e valores, os quais suportarão a autonomia do aluno na prática da modalidade.

Além disso, Saury e Durand (1998) introduzem o termo ‘antecipação cognitiva baseada em planos flexíveis’, o qual compreende os conhecimentos acima, também destacados por outros autores (RAMOS; BRASIL; GODA, 2013; BRASIL *et al.*, 2017). Este termo se refere à leitura do ambiente de prática para adaptação a eventuais imprevistos, assim como a compreensão das experiências prévias e objetivos do praticante para a atividade. Desta forma, o treinador busca prever possíveis eventos, mudanças no ambiente e ações do praticante para diminuir a sua carga cognitiva durante o *coaching*.

Intervenção

A partir dos artigos de Loel Collins, Dave Collins e colaboradores, o termo ‘julgamento profissional e tomada de decisão’ (JPTD) é utilizado para se referir às habilidades pedagógicas do TEA para selecionar as estratégias de ensino adequadas às possibilidades do praticante. Desta forma, durante a prática de trabalho, é importante que o treinador seja capaz de controlar e gerenciar o tempo para facilitar o JPTD. Este processo é necessário para lidar com diversos elementos, tais como a gestão dos riscos, seleção do local de aula, objetivos e conteúdo da sessão.

Outros aspectos que se relacionam à intervenção do TEA é o contexto que atua e as suas ações, assim como os tipos de feedback e ferramentas que utiliza para identificar a carga de treinamento dos praticantes. Complementarmente, os aspectos relacionados à interação treinador-atleta também são integrados, uma vez que para que ela ocorra e seja efetiva, é importante que o treinador crie um ambiente apropriado e conheça seu aluno. Desta forma, o treinador é capaz de gerar uma relação próxima e de confiança, além de proporcionar a autonomia do praticante.

Desenvolvimento do TEA

Aprendizagem

Apesar de a aprendizagem de TEA ocorrer por diversas fontes, as informais tendem a ser as mais valorizadas, tais como as experiências como praticante, as resoluções de problemas na prática, a reflexão e o acesso a materiais na internet, livros, revistas e filmes. Além disso, o aspecto social da aprendizagem por meio do compartilhamento de informações e observação dos pares, mentores e atletas também é destacado. Quanto à aprendizagem por meio da participação em cursos, os TEA apontaram, de modo geral, a contribuição de capacitações e certificações oferecidas por entidades esportivas (federações e entidades nacionais) e não-esportivas (faculdades e entidades privadas).

Assim, os TEA parecem compreender a aprendizagem como um processo contínuo e veem a importância de estarem abertos para aprender por diversas fontes. Porém, há valorização das fontes informais, uma vez que há o engajamento espontâneo para dominar temas específicos da modalidade que ensina, bem como pelas relações de socialização estabelecidas com os pares para contribuir na aprendizagem.

Trajetórias de vida

A trajetória dos TEA parece se iniciar na infância, a partir do envolvimento em atividades no ambiente natural. Essas atividades geralmente são realizadas juntamente com amigos e familiares próximos, os quais parecem promover essa inserção. Além disso, o envolvimento costuma se dar em momentos de lazer, seja por envolvimento direto (Ex: ir para a praia ou parques com os pais) ou indireto (Ex: participar de eventos esportivos como espectador).

Posteriormente, o ingresso na carreira de treinador parece se dar de maneira “natural”, a partir do acúmulo de experiências práticas na modalidade e o desejo por auxiliar outras pessoas. Já a permanência na carreira de treinador parece se dar pelo valor atribuído às experiências pessoais anteriores. Assim, as experiências positivas na infância, a paixão pelo esporte, o legado que pretende deixar, o estilo de vida que leva e a necessidade de manter-se envolvido com o esporte de aventura que pratica são alguns dos fatores que os motivam a seguir na carreira.

2.4 DISCUSSÃO

Considerando os artigos selecionados e analisados no presente estudo, evidenciou-se um aumento no número de publicações a partir do ano de 2015. Apesar de este aumento ser impulsionado, em parte, pelo anúncio da inclusão do surf, do skate e da escalada nos Jogos Olímpicos de Verão de 2020 (MOTA; SEDA, 2016), a concentração de estudos, sobretudo, no Reino Unido sugere a influência de pesquisadores deste local nas publicações científicas sobre o *coaching* nos EA, de fato, pelas iniciativas de Dave Collins e Loel Collins. Além disso, os artigos de autoria destes pesquisadores parecem ser produtos de projetos investigativos mais abrangentes, como no caso, por exemplo, de cinco artigos envolvendo participantes e métodos semelhantes (COLLINS; COLLINS, 2015a; 2015b; COLLINS; COLLINS; GRECIC, 2015; COLLINS; COLLINS, 2016b; 2016a).

Embora se reconheça a indefinição a respeito da denominação do profissional que intervém no âmbito dos esportes de aventura, o termo Treinador de Esportes de Aventura (TEA) ou *Adventure Sports Coach*, proposto por Collins e Collins (2012), corresponde a uma possibilidade de delimitação conceitual dessa atividade profissional emergente no contexto esportivo atual. Em essência, o TEA é o profissional que tem o papel de desenvolver praticantes capazes de participar, de maneira autônoma, em suas próprias experiências esportivas de aventura, sejam elas voltadas ao lazer, como estilo de vida ou para o alto rendimento (COLLINS; COLLINS, 2015a). Portanto, apesar de reconhecer a diversidade de aspectos que influenciaram a ampliação da produção científica com foco no *coaching* nos EA, com base nos artigos incluídos na presente revisão constatou-se a relevante contribuição desses pesquisadores para o aumento das publicações nesta área nos últimos anos.

Referente às modalidades esportivas contempladas nos artigos analisados, predominaram os EA praticados em ambientes aquáticos e terrestres, os quais, em sua maioria, já integram um cenário esportivo de elevada estrutura organizacional e com participação em megaeventos esportivos. Por outro lado, a ausência de modalidades aéreas pode-se justificar pela ausência do treinador esportivo, onde a prática é iniciada por outros agentes (como praticantes mais experientes e instrutores) como exemplo, o voo livre, o paraquedismo e o *wingsuit*, os quais têm sido denominados de *lifestyle sports* (WHEATON, 2004). Embora haja manifestações competitivas nos *lifestyle sports*, estes não visam a “esportivização” exacerbada e a profissionalização da prática (WHEATON, 2004), levando a ausência da necessidade do *coaching* para a busca de níveis mais elevados de desempenho esportivo.

Acredita-se que a predominância de estudos qualitativos para a investigação do TEA se deu pelas características deste método. Particularmente, a condução de entrevistas nos estudos sobre o *coaching* e sobre o treinador nos EA revelou a ênfase na análise das opiniões, sentimentos, emoções, experiências e seus significados, bem como buscou-se compreender as perspectivas do treinador sobre o “por quê”, “o quê” e “como” trabalha e exerce suas funções (NELSON; GROOM; POTRAC, 2014). No caso dos estudos analisados, acredita-se que a adoção de procedimentos qualitativos revela a tendência à busca pela compreensão aprofundada do fenômeno em torno do TEA em detrimento à generalização do conhecimento produzido por meio de amostras representativas, normalmente almejado por métodos quantitativos (GÜNTHER, 2006).

Quanto ao contexto de formação dos treinadores investigados nos artigos selecionados, destaca-se a valorização de federações esportivas e instituições educacionais (universidades) como vias de qualificação e certificação. Segundo o *International Council for Coaching Excellence*, a formação de treinadores é uma responsabilidade das federações esportivas, sejam elas nacionais ou internacionais (ICCE, 2013). Assim, são elas que devem determinar o processo de capacitação e certificação para a atuação dos treinadores (ICCE, 2013). Contudo, devido à profissionalização da intervenção do treinador esportivo no Brasil e a exigência pela formação universitária (MILISTETD *et al.*, 2014), os TEA investigados nos estudos conduzidos no Brasil apresentaram formação neste contexto. Considerando que a profissionalização do treinador não é realidade nos países dos demais artigos incluídos nesta revisão (tais como aqueles desenvolvidos no Reino Unido, Canadá, Inglaterra, Portugal e Nova Zelândia), esses treinadores investigados apresentavam apenas formação federativa.

Embora haja semelhanças entre os treinadores de esportes convencionais e os TEA quanto aos conhecimentos necessários para atuação, os TEA parecem apresentar particularidades quanto aos conhecimentos profissionais relacionados ao ambiente de prática. Se por um lado nos esportes convencionais o ambiente é estável (como por exemplo o ginásio para os esportes coletivos), nos EA ele é instável e imprevisível (como por exemplo o mar), uma vez que o espaço de prática é o meio natural (COLLINS; COLLINS, 2012). As evidências destes estudos indicam que o TEA deve dominar os conhecimentos acerca do ambiente, seja na disposição do espaço, na leitura das suas modificações e, a partir das informações interpretadas, ser capaz de se adaptar às mudanças e diminuir os riscos. Este processo foi denominado como um tipo de “antecipação cognitiva em planos flexíveis” apresentado por Saury e Durand (1998). Portanto, reforça-se a importância da experiência prévia de TEA na prática da modalidade para

a compreensão do ambiente, bem como dos elementos essenciais nos esportes de aventura (relação entre praticante-equipamento-ambiente) (FUNOLLET, 1995), o que se acredita facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto evidenciado nos artigos incluídos é a valorização da relação treinador-aluno em diversos EA. A qualidade dessa relação é o que define a essência do *coaching*, bem como os papéis que são assumidos pelo treinador (amigo, companheiro e alguém próximo do aluno) (BRASIL *et al.*, 2017). Assumir tais papéis contribui diretamente na confiança e comprometimento estabelecido entre ambos, bem como na qualidade da atuação do treinador (JOWETT, 2017). Nos EA, a confiança recebe conotação adicional, pois o risco inerente a prática pode ser percebido de forma diferente pelo treinador e pelo próprio aluno (PAIXÃO *et al.*, 2011; MOURA; FERREIRA; SOARES, 2016). Assim, a relação treinador-aluno parece ser fundamental para favorecer a confiança bidirecional, ou seja, para que o aluno confie nas atividades propostas e situações desafiadoras criadas pelo treinador, bem como o treinador deve confiar que o aluno vai atender às instruções fornecidas mesmo em situações adversas.

Quanto aos estudos com foco na aprendizagem dos treinadores, ficou evidenciada a relevância da trajetória de prática esportiva em EA desses indivíduos iniciada na infância. O contato com uma determinada cultura esportiva, desde as idades iniciais, por meio do engajamento na prática, em situações significativas vinculadas à grupos sociais com interesses em comum (família, amigos, atletas, etc.) parece promover uma aprendizagem efetiva (WENGER, 2009). De fato, a valorização das experiências em contextos informais é percebida tanto por treinadores de esportes convencionais quanto por TEA, devido ao seu caráter contextualizado e significativo (WENGER, 2009; RAMOS *et al.*, 2011; VIRGÍLIO *et al.*, 2017). A negociação dos significados atribuídos à estas experiências, por meio das interações sociais, ao longo da trajetória dos TEA direciona a priorização de tais contextos de aprendizagem (WENGER, 2009).

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi analisar as implicações do *coaching science* nas publicações científicas com foco no *coaching* nos EA. Ao analisar artigos empíricos selecionados no presente estudo (24), percebeu-se que esta é uma área de estudo recente, iniciada de forma pouco expressiva por volta dos anos 2000 e mais difundida a partir de 2015. Esta marca se deu, sobretudo, por um grupo de pesquisadores que realizaram projetos os quais

originaram importante quantidade de artigos, contribuindo no montante de publicações na área. Embora a ciência do TEA ainda esteja em desenvolvimento, as publicações existentes já elucidam o campo, bem como trazem conhecimentos de base para o desenvolvimento de estudos futuros.

Quanto aos enfoques temáticos dos artigos analisados, constatou-se o predomínio das subáreas de atuação e desenvolvimento do treinador. A partir da apreciação destas temáticas, foi possível identificar semelhanças e peculiaridades dos TEA com treinadores de esportes convencionais. De modo geral, o que distingue os dois contextos é o local de prática da modalidade e suas características. O ambiente natural, o risco, a instabilidade e as incertezas inerentes aos EA é o que influencia diretamente a atuação e o desenvolvimento do treinador. A indicação é que o TEA deve dominar os conhecimentos para a leitura do ambiente para que, durante a intervenção, faça constantes julgamentos e tomadas de decisão para garantir a segurança do aluno. As experiências em ambientes naturais desde a infância parecem influenciar na valorização das experiências práticas pessoais e com os pares para a aprendizagem dos TEA.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Andy; COLLINS, Dave; MARTINDALE, Russell. The coaching schematic: Validation through expert coach consensus. **Journal of sports sciences**, v. 24, n. 6, p. 549-564, 2006.

BENNIE, Andrew, *et al.* A guide to conducting systematic reviews of coaching science research. **International sport coaching journal**, v. 4, n. 2, p. 191-205, 2017.

BETRÁN, Alberto Olivera; BETRÁN, Javier Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Educación Física y Deportes**, v. 41, p. 108-123, 1995.

BOWES, Imornefe; JONES, Robyn L. Working at the edge of chaos: Understanding coaching as a complex, interpersonal system. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 2, p. 235-245, 2006.

BRASIL, Vinicius Zeilmann, *et al.* Os conhecimentos de base para intervenção pedagógica do treinador de surf. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 4, p. 807-817, 2017.

BRASIL, Vinicius Zeilmann, *et al.* As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 403-416, 2016.

CHRISTIAN, Ed; BERRY, Matt; KEARNEY, Phil. The identity, epistemology and developmental experiences of high-level adventure sports coaches. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 17, n. 4, p. 353-366, 2017.

CIAMPOLINI, Vitor, *et al.* Research review on coaches' perceptions regarding the teaching strategies experienced in coach education programs. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 14, n. 2, p. 216-228, 2019.

COLLINS, Dave; COLLINS, Loel; CARSON, Howie J. "If it feels right, do it": Intuitive decision making in a sample of high-level sport coaches. **Frontiers in Psychology**, v. 7, p. 504, 2016.

COLLINS, Loel; COLLINS, Dave. Conceptualizing the adventure-sports coach. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 12, n. 1, p. 81-93, 2012.

_____. Decision making and risk management in adventure sports coaching. **Quest**, v. 65, n. 1, p. 72-82, 2013.

_____. Integration of professional judgement and decision-making in high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Sports Sciences**, v. 33, n. 6, p. 622-633, 2015a.

_____. Professional judgement and decision-making in adventure sports coaching: The role of interaction. **Journal of Sports Sciences**, v. 34, n. 13, p. 1231-1239, 2015b.

_____. The foci of in-action professional judgement and decision-making in high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 17, n. 2, p. 122-132, 2016a.

_____. Professional judgement and decision-making in the planning process of high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 16, n. 3, p. 256-268, 2016b.

COLLINS, Loel; COLLINS, Dave; GRECIC, David. The epistemological chain in high-level adventure sports coaches. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 15, n. 3, p. 224-238, 2015.

CORREIA, Marco Catarino Espada Estêvão; BERTRAM, Rachael. The Surfing Coaching: Sources of Knowledge Acquisition. **International Sport Coaching Journal**, v. 5, n. 1, p. 14-23, 2018.

COTÉ, Jean, *et al.* The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-17, 1995.

CUSHION, Chris. Modelling the complexity of the coaching process. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 2, n. 4, p. 395-401, 2007.

DUARTE, Tiago; CULVER, Diane M. Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, n. 4, p. 441-456, 2014.

FUNOLLET, Feliu. Propuesta de clasificación de las actividades deportivas en el medio natural. **Apunts: Educación Física y Deportes**, v. 41, n. 124-129, 1995.

GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 335-342, 2015.

GILBERT, Wade D; TRUDEL, Pierre. Analysis of coaching science research published from 1970–2001. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 75, n. 4, p. 388-399, 2004.

GRAY, Paul; COLLINS, Dave. The adventure sports coach: all show and no substance? **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 16, n. 2, p. 160-171, 2016.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

ICCE. **International sport coaching framework**. 2013. 55 p.

JONES, Robyn L; WALLACE, Mike. Another bad day at the training ground: Coping with ambiguity in the coaching context. **Sport, Education and Society**, v. 10, n. 1, p. 119-134, 2005.

JOWETT, Sophia. Coaching effectiveness: The coach–athlete relationship at its heart. **Current Opinion in Psychology**, v. 16, p. 154-158, 2017.

KIOSOGLIOUS, Cameron; VIDIC, Zeljka. Shedding More Light on the Factors That Predict Coaching Success in Rowing. **Journal of Sport Behavior**, v. 40, n. 1, 2017.

LANGAN, Edel; BLAKE, Catherine; LONSDALE, Chris. Systematic review of the effectiveness of interpersonal coach education interventions on athlete outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 14, n. 1, p. 37-49, 2013.

LORIMER, Ross; HOLLAND-SMITH, David. Why coach? A case study of the prominent influences on a top-level UK outdoor adventure coach. **The Sport Psychologist**, v. 26, n. 4, p. 571-583, 2012.

MACLELLAN, Justin; CALLARY, Bettina; YOUNG, Bradley W. Same coach, different approach? How masters and youth athletes perceive learning opportunities in training. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 2, p. 167-178, 2018.

MAHONEY, John W, *et al.* Implementing an autonomy-supportive intervention to develop mental toughness in adolescent rowers. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 28, n. 2, p. 199-215, 2016.

MILISTETD, Michel, *et al.* Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 165-172, 2014.

MILLAR, Sarah-Kate; OLDHAM, Anthony RH; DONOVAN, Mick. Coaches' self-awareness of timing, nature and intent of verbal instructions to athletes. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 6, n. 4, p. 503-513, 2011.

MILLAR, Sarah-Kate, *et al.* Athlete and coach agreement: Identifying successful performance. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 6, p. 807-813, 2017.

MOTA, Cahê; SEDA, Vicente. **Jogos de Tóquio 2020 terão escalada, surfe, skate, caratê e beisebol/softbol**. 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/jogos-de-toquio-2020-terao-escalada-surfe-skate-carate-e-beisebolsoftbol.html>>. Acesso em 09 de Maio.

MOURA, Diego Luz; FERREIRA, Marcos Santos; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Compreender, relativizar e desconstruir: os discursos do risco na produção acadêmica sobre esportes de aventura. **LICERE**, v. 19, n. 1, p. 1-20, 2016.

NELSON, Lee; GROOM, Ryan; POTRAC, Paul. **Research methods in sports coaching** Routledge, 2014.

PAIXÃO, Jairo Antônio da, *et al.* Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 415-425, 2011.

POPE, Clive C; PENNEY, Dawn; SMITH, Tiaki B. Overtraining and the complexities of coaches' decision-making: managing elite athletes on the training cusp. **Reflective Practice**, v. 19, n. 2, p. 145-166, 2018.

RAMOS, Valmor, *et al.* Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 3, 2014.

RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinicius Zeilmann; GODA, Ciro. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Journal of Physical Education**, v. 23, n. 3, p. 431-442, 2012.

_____. O conhecimento pedagógico para o ensino do surf. **Journal of Physical Education**, v. 24, n. 3, p. 381-392, 2013.

RAMOS, Valmor, *et al.* A aprendizagem profissional-as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz, Rio Claro**, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

SAURY, Jacques; DURAND, Marc. Practical knowledge in expert coaches: On-site study of coaching in sailing. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 69, n. 3, p. 254-266, 1998.

SIMON, Scott; COLLINS, Loel; COLLINS, Dave. Observational Heuristics in a Group of High Level Paddle Sports Coaches. **International Sport Coaching Journal**, v. 4, n. 2, p. 235-245, 2017.

THORPE, Holly; WHEATON, Belinda. 'Generation X Games', action sports and the Olympic movement: Understanding the cultural politics of incorporation. **Sociology**, v. 45, n. 5, p. 830-847, 2011.

TONG, Allison; SAINSBURY, Peter; CRAIG, Jonathan. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. **International journal for quality in health care**, v. 19, n. 6, p. 349-357, 2007.

VIRGÍLIO, Ana Carolina Seragi, *et al.* Aprendizagem de treinadores esportivos: fontes de conhecimento e prática profissional nos jogos esportivos coletivos. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 2, p. 20-26, 2017.

WALKER, Lauren F; THOMAS, Rebecca; DRISKA, Andrew P. Informal and nonformal learning for sport coaches: A systematic review. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 5, p. 694-707, 2018.

WENGER, Etienne. A social theory of learning. **Contemporary theories of learning**, p. 209-218, 2009.

WHEATON, Belinda. Introduction: Mapping the lifestyle sport-scape. **Understanding Lifestyle Sport**: Routledge, 2004. p. 13-40.

3 A TRAJETÓRIA DE VIDA DO TREINADOR DE CANOAGEM HAVAIANA: DESAFIOS INERENTES AO ESTABELECIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

3.1 INTRODUÇÃO

O treinador esportivo na sociedade contemporânea tem sido reconhecido como um agente central na promoção da performance esportiva, desenvolvimento pessoal e da qualidade de vida e saúde de crianças, jovens e adultos em diferentes contextos de prática (Gilbert & Côté, 2013). Os contextos em que o treinador atua orientam a sua intervenção profissional (processo de *coaching*), em função dos objetivos a serem alcançados, os indivíduos com quem trabalha e também as características da modalidade em que atua (ICCE, 2013).

No contexto dos esportes de aventura, além do aprimoramento de habilidades técnicas e desenvolvimento de competências físicas e psicológicas, o treinador também busca promover a autonomia do praticante frente à sua modalidade (Brasil, Ramos, Kuhn, Souza, & Nascimento, 2017; Brasil, Ramos, Souza, Barros, & Nascimento, 2016; Collins & Collins, 2012). Esta independência consiste na capacidade de o praticante sozinho escolher o melhor local, analisar os riscos, ajustar os equipamentos de acordo com as condições e desempenhar suficientemente o seu esporte (Collins & Collins, 2012). A necessidade de promover a autonomia do praticante, apesar de parecer um objetivo comum em qualquer esporte, é uma demanda essencial dos esportes de aventura, uma vez que o próprio ambiente de prática que ocorre junto à natureza, oferece riscos e incertezas constantes que se não forem gerenciados de forma prudente podem interferir na integridade física do praticante (Funollet, 1995; Paixão, 2010). Desta maneira, o treinador de esportes de aventura, deve ser capaz de gerenciar o contexto em que atua de maneira que seja atrativo e seguro para a aprendizagem de praticantes e atletas.

Diante das características dos esportes de aventura, o treinador envolvido nesses contextos necessita dominar um corpo de conhecimentos e competências que o diferencia de treinadores de esportes convencionais (Collins & Collins, 2012; Ramos, Brasil, & Goda, 2013). A agenda científica nos últimos 20 anos tem desvelado por quais caminhos os treinadores esportivos aprendem e alicerçam sua prática (Callary, Werthner, & Trudel, 2012; Tozetto, Galatti, Scaglia, Duarte, & Milistetd, 2017), fornecendo evidências fundamentais para suportar programas de formação e desenvolvimento profissional em todo o mundo (Jacobs, Knoppers, Diekstra, & Sklad, 2015; Paquette, Hussain, Trudel, & Camiré, 2014). Apesar de um

entendimento claro de como os treinadores esportivos aprendem (He, Trudel, & Culver, 2018), as pesquisas dessa área têm cunhado que a aprendizagem profissional é um processo idiossincrático (Werthner & Trudel, 2009) permeado por diferentes experiências que ocorrem desde a infância até a momento atual da carreira dos treinadores (Brasil, Ramos, Barros, Godtsfriedt, & Nascimento, 2015; Ramos, Brasil, de Barros, Goda, & Godtsfriedt, 2014). Deste modo, a agenda científica do *coaching* esportivo têm se apoiado no entendimento teórico que a aprendizagem é um processo que ocorre ao longo da vida, por meio de um conjunto de experiências que resultam tanto na aquisição de novos conhecimentos, quanto na modificação da sua própria identidade, ou seja, na biografia do treinador (Jarvis, 2006).

Especificamente nos esportes de aventura, a investigação sobre como os treinadores desenvolvem seus conhecimentos e competências ainda é incipiente. A complexidade dos diferentes contextos que esses profissionais atuam e as particularidades de cada modalidade limitam a transferência de uma “base comum” de conhecimentos e competências nos esportes de aventura. Além disso, o interesse social nos esportes de aventura parece ser um fenômeno recente (Thorpe & Wheaton, 2011). Exemplo disso, é a inserção de modalidades como Surfe, Skate e Escalada nos próximos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020 e o crescimento exponencial do esporte de participação em modalidades como *kitesurfing*, *wakeboard*, *stand up paddle* e canoagem havaiana. Deste modo, percebe-se que o interesse social pelos esportes de aventura tem crescido de maneira acelerada, seja em relação ao desempenho esportivo ou à participação esportiva na busca pela saúde e qualidade de vida.

Considerando o crescimento recente na área dos esportes de aventura no Brasil, o campo profissional também parece estar se estabelecendo. Conteúdos em cursos de formação inicial e continuada ainda são incipientes, atendendo apenas modalidades específicas como o surfe (Brasil, Ramos, Milistetd, Culver, & Nascimento, 2018; Milistetd, 2015). A criação das federações e associações esportivas também parece estar em um momento embrionário, a exemplo da modalidade de canoagem havaiana que se estabeleceu a partir da demonstração nos Jogos Pan-americanos de 2007 (CBCa, 2019) e ainda não possui entidade representativa que ofereça cursos ou programas de formação de treinadores.

Portanto, mesmo com o crescente desenvolvimento da área profissional do treinador esportivo nas últimas duas décadas, do ponto de vista do estatuto profissional (reconhecimento social, direitos e deveres da atuação profissional) os treinadores de esportes de aventura não ascenderam ao mesmo patamar conquistado por treinadores de esportes convencionais. As demandas para o desenvolvimento de conhecimentos e competências e mesmo para o

estabelecimento e consolidação do campo profissional são diferentes dos esportes que já possuem mais tradição e organização social no país.

Assim, ao compreender o momento atual dos esportes de aventura no país e com a pretensão de apresentar evidências que possam contribuir para as discussões acerca da demarcação do campo profissional do treinador de esportes de aventura no Brasil, o objetivo do presente estudo é descrever as situações episódicas da trajetória de vida de um treinador de canoagem havaiana no desenvolvimento e estabelecimento do seu campo de atuação.

3.2 MÉTODOS

Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como narrativa do tipo história de vida, uma vez que o fenômeno a ser estudado são as experiências de vida de um indivíduo pautadas em um ou mais episódios (Creswell, 2013). Quanto à abordagem do problema, utilizou-se métodos qualitativos para a obtenção dos dados, uma vez que o objetivo foi apresentar a história de vida de um dos indivíduos responsáveis pelo estabelecimento da canoagem havaiana em Florianópolis.

Participante do Estudo

Evandro Dornelles Carvalho, conhecido no seu campo de atuação como Alemão, é treinador e proprietário de um clube de canoagem havaiana local. A escolha intencional de um único participante se deu pelo seu envolvimento, destaque e reconhecimento no cenário nacional na modalidade, uma vez que ele é remador desde que a canoa havaiana chegou ao Brasil, seu clube está entre os maiores do país e atualmente é o maior do estado de Santa Catarina, o qual apresentou aumento exponencial de participantes nos últimos anos.

Instrumento de Coleta de Dados

Para a coleta dos dados realizou-se uma entrevista semiestruturada, em que as questões de partida foram elaboradas com base na técnica de incidentes críticos, que compreende um método retrospectivo que, por meio de situações determinantes e contextualizadas descreve

padrões de comportamento, recursos, habilidades e conhecimentos do entrevistado (Hettlage & Steinlin, 2006).

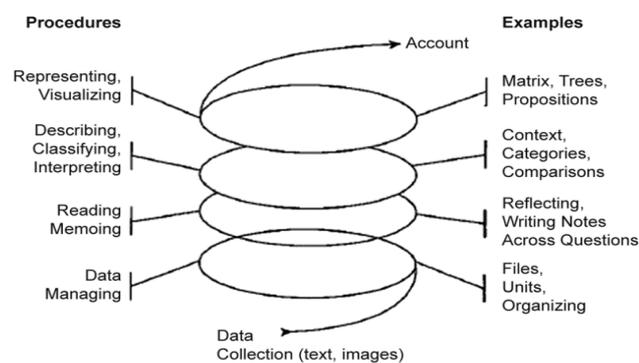
Procedimento de Coleta de Dados

Inicialmente entrou-se em contato com o participante para introduzir o conteúdo da presente pesquisa e convidá-lo para participar da mesma. Neste primeiro momento todos os aspectos éticos foram mencionados. Após o aceite voluntário em participar, marcou-se uma entrevista na data e local mais conveniente para o participante, a qual foi realizada no dia 25 de julho de 2018 e teve duração de 58 minutos. Após a transcrição, os dados da entrevista foram enviados ao entrevistado para a conferência e aceite das informações apresentadas. Por fim, foi realizada uma nova entrevista para o levantamento de informações complementares e foi efetuada a assinatura do termo de cessão de direitos para uso de informações pessoais.

Análise e Apresentação dos Dados

A análise de dados foi realizada pela análise espiral de Creswell (2013), conforme a Figura 2:

Figura 2 - Análise espiral de Creswell.



Fonte: Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2017). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Sage publications.

Os seis tópicos da espiral foram seguidos progressivamente: inicialmente fez-se a coleta dos dados por meio da entrevista (duração de 58 minutos); seguindo para o gerenciamento dos dados, que se deu pela transcrição da entrevista em documento no *software Microsoft Office Word 2013* (total de 12 páginas); posteriormente fez-se a leitura da transcrição, a qual envolveu

a imersão do pesquisador principal nos dados, assim como possibilitou a realização de pequenas anotações ao longo da leitura (primeiras separações); a seguir fez-se a descrição, classificação e interpretação dos dados, em que foram criados códigos iniciais (agrupamento em 21 códigos), os quais posteriormente foram agrupados em temas (infância, inserção na canoagem havaiana, trilhando por um novo caminho, a estruturação do clube, consequências do crescimento: positivas e negativas, busca constante por conhecimento e dias atuais); o quinto tópico foi a representação e visualização dos dados, os quais foram apresentados em forma cronológica em linha do tempo; por fim fez-se o relato dos dados. Este relato refere-se à apresentação dos resultados, o qual seguiu o modelo narrativo, em que a história do entrevistado foi contada na sequência cronológica dos fatos (Creswell, 2013) e por meio de vinhetas do tipo retrato.

Composição de Vinhetas

O uso de vinhetas como forma complementar aos métodos qualitativos de pesquisa não é uma prática tão recente (Barter & Renold, 1999), inicialmente seu uso envolvia a criação de histórias sobre personagens fictícios em determinadas circunstâncias para obtenção de dados em entrevistas (Finch, 1987). Entretanto, com o passar dos tempos outro uso foi atribuído a elas, utilizando-as como uma estratégia de documentação de resultados por meio de histórias (Blodgett, Schinke, Smith, Peltier, & Pheasant, 2011).

A partir desta nova funcionalidade atribuída às vinhetas, surgiram três diferentes tipos de representação: (a) instantânea, que são desenvolvidas a partir de observações; (b) retrato, que apresenta as características e experiências do entrevistado; e (c) composta, que reúne experiências de diversos participantes em uma única história (Spalding & Phillips, 2007).

Essas três possibilidades de representação fazem com que o autor seja capaz de dar voz aos seus participantes, ressaltando suas atitudes e crenças (Hughes, 1998; Spalding & Phillips, 2007). Além disso, permite com que os resultados sejam apresentados de forma criativa e acessível, bem como torna-o mais atrativo ao leitor (Spalding & Phillips, 2007). Assim, acredita-se que por essas características e pela confiabilidade como método complementar que as vinhetas têm ganhado aceitabilidade no campo da pesquisa qualitativa (Blodgett et al., 2011; Callary et al., 2012; Schinke, Blodgett, McGannon, & Ge, 2016).

Desta forma, com objetivo de tornar os resultados mais atraentes e dar voz ao entrevistado, optou-se em utilizar vinhetas do tipo retrato para apresentar a trajetória de vida do treinador/empreendedor participante. Assim, todas as vinhetas apresentadas na seção dos

resultados foram produzidas a partir da análise minuciosa dos dados por parte dos pesquisadores. Por sua vez, a escrita das vinhetas foi realizada em primeira pessoa no papel do entrevistado, contendo alguns segmentos íntegros da transcrição da entrevista.

Posicionamento do Autor

A primeira autora do presente estudo está envolvida com esportes de aventura tanto no contexto acadêmico como prático. Porém, sua participação especificamente na canoagem havaiana é recente e foi iniciada no mesmo clube que atua o participante do estudo. Desta forma, ela apresenta estreita relação com o investigado, uma vez que este foi seu treinador. Essa relação contribuiu sobremaneira para o estabelecimento da relação de confiança entre a pesquisadora e o entrevistado, bem como na obtenção de informações detalhadas sobre a sua história de vida.

Aspectos Éticos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer nº 3.332.626. Assim, todos os procedimentos éticos foram respeitados durante sua condução. Após o entrevistado ter sido informado dos procedimentos da pesquisa, bem como seus riscos, este aceitou voluntariamente a participar.

Apesar de oferecer anonimato ao participante, como sugerido por padrões éticos de pesquisa, o mesmo optou por ser referido pelo seu nome real. Assim, o entrevistado assinou um termo de responsabilidade baseado na resolução nº 510, de sete de abril de 2016, conferindo o uso de seus dados de modo definitivo no presente estudo. O uso de nomes reais em estudos de caso no contexto do treinador esportivo já é uma prática recorrente (Duarte & Culver, 2014; Kavanagh, 2012), devido a relevante representatividade destes personagens para a comunidade esportiva em que estão inseridos. Ressalta-se, por fim, que demais indivíduos ou estabelecimentos citados durante a entrevista foram alterados por pseudônimos.

3.3 RESULTADOS

Os resultados abaixo estão divididos em vinhetas referentes aos sete temas da análise dos dados: infância, inserção na canoagem havaiana, trilhando por um novo caminho, a

estruturação do clube, consequências do crescimento: positivas e negativas, busca constante por conhecimento e dias atuais.

Infância

Eu me chamo Evandro Dornelles Carvalho, mas pode me chamar de Alemão. Sou natural do Rio Grande do Sul, de Farroupilha, uma cidadezinha da Serra Gaúcha sem condições nenhuma para a prática de canoagem. Apesar disso eu sempre fui muito ligado ao esporte, sempre gostei de pedalar, brincar no mato, pescar com meu pai, andar de bicicleta, carrinho de lomba, esse tipo de coisa.

Infelizmente por volta dos meus 10 anos de idade o meu pai faleceu, foi um momento difícil, naquela época minha mãe tinha resolvido pegar tudo para nos mudarmos para Florianópolis. Quando chegamos na cidade nós fomos morar perto do meu tio, que morava na Lagoa da Conceição. Eu lembro que fiquei encantado com aquela lagoa imensa que tinha lá e, quando vi que meu tio tinha um caiaque nos fundos da casa, eu não perdi tempo, já peguei e fui logo remar. Os dias se passaram, eu comecei a frequentar uma nova escola e assim fui me adaptando à cidade. Logo já tinha criado a minha própria rotina, ia para a escola e no fim de cada dia ia remar na lagoa.

Em mais um dia comum, ou não tão comum assim, eis que surge a divulgação de um projeto social de caiaque na minha escola. Esse era um projeto em que remadores da seleção brasileira de caiaque oceânico iriam ensinar as crianças a remar durante um período de três meses. Assim que eles apresentaram o projeto eu fiquei todo entusiasmado, já me prontifiquei e fiquei ansioso para começar. Esse projeto foi ótimo para mim, porque além de eu me divertir muito, foi onde eu realmente aprendi a remar.

Inserção na canoagem havaiana

Infelizmente os três meses se passaram e o projeto chegou ao fim, mas eu não queria, em hipótese alguma, parar de remar, então voltei ao caiaque do meu tio. Neste meio tempo chegou a primeira canoa havaiana no Brasil, lá em Santos - São Paulo. Não demorou muito e o Theo, proprietário do clube Lagoa Canoa, trouxe uma canoa para Florianópolis. Ele sempre passava por mim quando eu estava remando, me via lá todos os dias, debaixo de chuva ou de sol. Em um desses dias ele me convidou para remar no clube dele com a nova canoa e eu, todo

empolgado, aceitei na hora. E isso me marcou muito, porque desse dia em diante eu nunca mais parei de remar.

O tempo foi passando, eu cresci, na época já era adolescente e cada vez mais eu me apaixonava pela canoagem havaiana, eu participava de toda remada do clube, estava sempre lá envolvido com alguma atividade. Mas com o passar do tempo as minhas ideias e as do Theo começaram a ficar muito divergentes, até que um evento fatídico aconteceu.

Era 2007, o Brasil ia sediar os Jogos Pan-Americanos e a tocha ia passar pela lagoa de remo. Eu tinha achado aquilo incrível, já estava imaginando toda a galera do clube indo junto de canoa havaiana, seria ótimo fazer parte do evento e ainda por cima divulgar o nosso esporte. Mas infelizmente nada disso aconteceu, para mim este seria um momento marcante para divulgar o nosso esporte, mas para o Theo seria apenas mais um dia de trabalho.

Neste dia eu fiquei desconsolado com tudo o que havia acontecido, depois de muito pensar eu compreendi que nossas filosofias eram diferentes demais para eu continuar lá, então eu resolvi que ia sair do clube, falei com os meus colegas o que eu tinha achado da situação e que eu estava indo embora. Quando me dei conta várias pessoas estavam pensando como eu, também estavam insatisfeitas com o que vinha acontecendo, então elas resolveram sair também. Naquele momento eu não pensei em fazer um motim, eu simplesmente expus meus pensamentos, as outras saídas foram consequência.

Só que depois disso eu fiquei com um problema, como é que eu ia continuar remando sem canoa? Então eu e o Matheus, meu amigo contador que também tinha saído do Lagoa Canoa, começamos a pensar em possibilidades, até que encontramos um edital de apoio e incentivo ao esporte.

Trilhando por um novo caminho

Nós concorremos ao edital e conseguimos! O projeto era para ensinar crianças de uma comunidade carente a remarem de canoa havaiana, nós teríamos que dar aulas aos sábados por um período de dois anos e sem receber nenhum auxílio financeiro por isso. Em contrapartida, depois que o projeto terminou nós ganhamos todos os materiais, o que incluiu principalmente as duas canoas havaianas.

Com o fim do projeto lá estávamos nós com duas canoas, sem nem pensar muito já levamos elas logo de volta para a lagoa. No desejo e na necessidade de manter elas em ação, nós resolvemos formar uma associação de amigos, então passamos a combinar horários para

irmos remar juntos, já que para conseguir sair precisaríamos de pelo menos quatro pessoas na canoa.

Com o passar do tempo esse sistema de combinar horários não foi mais eficiente, porque nem sempre a gente conseguia a quantidade necessária de pessoas para remar, assim surgiu a ideia de abrir o espaço para mais gente. Só que essa transformação de associação para um negócio demandaria a presença de alguém fielmente em todas as remadas, que fosse ponta firme mesmo, e esse alguém fui eu.

Até que em maio de 2013 algo inesperado aconteceu, meu telefone tocou, do outro lado da linha estava o Matheus. Ele passou por um problema pessoal e precisou se desfazer da sociedade, assim me ofereceu a sua parte, que seria a compra da canoa que havia ganhado no projeto.

Naquele momento eu percebi que aquela era a oportunidade que eu precisava, mesmo não tendo dinheiro nenhum para investir na canoa dele, que na época custava em torno de 20 mil reais, eu sabia que eu precisava dela. Imediatamente após falar com o Matheus eu liguei para a minha avó para pedir um empréstimo, ela foi muito compreensiva com a situação e na hora já me mandou o dinheiro e eu, sem esperar, já transferi para o ex-sócio.

No fundo eu sabia que ele ia se arrepender, tanto que em seguida ele entrou em contato comigo tentando desfazer a situação, mas já era tarde demais, já estava feito. A partir daí a associação se transformou em um clube.

A estruturação do clube

Agora com duas canoas e com o aumento de remadores fixos eu precisei estruturar meu novo clube. Inicialmente passei a cobrar uma mensalidade, coisa que eu não era muito a favor, mas foi necessário. Com o clube total sob minha responsabilidade eu pude colocar minha filosofia em prática, que era ter o clube mais popular possível. Desta forma, a mensalidade começou com um valor muito baixo, por volta de R\$30,00/mês, o suficiente para bancar a nova estrutura.

Mas o clube foi aumentando, mais turmas foram sendo criadas e as necessidades começaram a surgir, então eu não conseguia dar conta de tanta turma sozinho, precisava contratar alguém para me ajudar. Para cobrir os novos gastos, com muito custo eu me convenci de que precisava aumentar a mensalidade para R\$40,00. E assim tudo foi se estruturando, novas demandas foram surgindo e eu fui respondendo. A quantidade de alunos foi crescendo e a

infraestrutura precisaria suportar, assim eu mudei o clube para um novo espaço com estacionamento e vestiários, mais tarde montei uma tenda onde pude guardar os materiais e oferecer um espaço com café após as remadas. Todas essas mudanças levaram a novos aumentos na mensalidade, os quais só sofrem alterações conforme reais necessidades, porque ganhar muito dinheiro com a canoa nunca foi minha ideia, no fim das contas eu só queria remar.

Consequências do crescimento: positivas e negativas

Com o crescente número de alunos no clube e a quantidade de novas turmas, eu passei a precisar de mais materiais, principalmente de remos. Como eu fiz o curso de graduação em engenharia mecânica e trabalhei em uma fábrica de canoas, usei esse conhecimento para produzir alguns remos para mim e para usar nas aulas.

Em mais um dia de trabalho eis que chega um turista do Rio de Janeiro que foi conhecer o clube. Lá foi ele se preparar para a aula, escolheu um remo como todos os outros alunos e foi remar. Ele ficou impressionado com a qualidade e leveza do remo que usou, ao saber que eu que tinha feito, quis logo comprar um.

Apesar de eu produzir apenas para mim e para uso interno no clube, eu resolvi fazer e vender o remo ao turista, logo mais, alunos foram pedindo por seus próprios remos, mais pedidos começaram a surgir do Rio de Janeiro e atualmente aquele primeiro remo que eu fiz se multiplicou para 927 remos vendidos. Mesmo com essa novidade eu ainda mantenho minha filosofia popular, meu remo custa cerca de três vezes menos dos demais, ainda assim, equivale e até mesmo supera a qualidade.

Mas nem só por consequências boas eu passei. Eu não gosto de competição e sempre deixo isso claro para os meus alunos, eu acredito que competir desfaz os clubes, porque as pessoas passam a cobrar tanto umas das outras que isso reflete negativamente no conjunto. Desta forma, a minha maior dificuldade foi aprender a lidar com o ego das pessoas, com a necessidade da competição, tirar da cabeça delas que para a canoa a competição não é legal. De forma geral meu objetivo foi alcançado, mas infelizmente durante o processo alguns casos precisaram ser tratados de forma direta, ao ponto de eu ter tido que convidar algumas pessoas a se retirar do clube.

Busca constante por conhecimento

Apesar de todo o conhecimento que eu adquiri nos anos de experiência com o caiaque e a canoagem havaiana, eu não me torno refém do que aprendi na prática, estou sempre em busca de informação, seja ela na internet ou em cursos de nível superior. Eu já cursei três faculdades: automobilística, engenharia mecânica e educação física, todas elas com um propósito de aplicar o conhecimento na prática. A primeira delas, a automobilística, eu cursei com o intuito pessoal de construir o meu próprio carro, um *buggy*. Depois eu comecei a ter muito interesse em aprender a calcular para construir coisas, então eu cursei engenharia mecânica, em que posteriormente apliquei na produção de remos. Por fim, com as demandas do grande clube, eu senti que precisaria aprender a lidar com gente, então busquei a licenciatura em Educação Física. Além disso, eu não gosto de manter as coisas sempre iguais, assim estou sempre mudando a minha prática, pensando em alterações nas técnicas e testando coisas novas.

Dias atuais

Hoje eu me sinto muito realizado, porque trabalho com o que realmente gosto, eu vivo da canoa e para a canoa. E esse meu gosto de lidar com gente me faz sempre querer agradar as pessoas, então eu faço de tudo para isso acontecer, porque no fim das contas o que eu realmente quero é deixar as pessoas felizes.

Depois de toda essa minha trajetória eu cheguei aonde estou, meu clube tem sete turmas regulares e mais de 200 alunos ativos. Apesar de eu não me considerar um empreendedor e acreditar que tudo o que passei aconteceu de forma natural, nem por isso eu me deixo ficar estagnado, eu não gosto disso, estou sempre em busca de novos desafios, como agora, já estou pensando nos próximos passos.

3.4 DISCUSSÃO

A trajetória pessoal do entrevistado no contexto da aventura teve início logo na infância, a partir do envolvimento em brincadeiras realizadas em ambientes naturais e posteriormente na prática dos esportes caiaque e canoagem havaiana, as quais ocorreram tanto de forma independente quanto sistematizada. Segundo Brasil et al. (2015), essas experiências geralmente iniciam na infância e possuem caráter lúdico, ao mesmo tempo que são praticadas em momentos

de lazer. A partir do direcionamento dessas atividades para um esporte específico, a prática começa a ser realizada em contextos organizados, como em projetos extracurriculares e clubes (Brasil et al., 2015), como ocorreu com o investigado no projeto escolar e posteriormente no clube de canoagem havaiana.

Os significados atribuídos a essas experiências de envolvimento inicial no esporte de aventura pode levar os indivíduos a se manterem envolvidos na prática em fases seguintes, principalmente pela relação estabelecida com a natureza, a sensação de renovação e desafio (Ramos et al., 2014). Desta forma, o envolvimento desde a infância com o ambiente natural, com atividades e esportes de aventura de forma positiva e lúdica, parece ter conduzido o investigado na inserção e continuidade na canoagem havaiana na fase seguinte.

No caso do entrevistado, a participação no clube de canoagem havaiana como praticante se manteve durante a adolescência e início da fase adulta. Ele passou a ser agente assíduo em todas as remadas e aos poucos passou a se envolver de forma mais atuante nas atividades do clube. O maior envolvimento na fase da adolescência parece ser comum ao processo de formação esportiva (Côté, 1999), principalmente sob aqueles que assumem papel ativo dentro do grupo social inserido, uma vez que as experiências dessa fase parecem modelar as ideias, vontades e interesses, influenciando a escolha profissional como treinador (Brasil et al., 2015). Essa aproximação do papel de treinador parece ser influenciada pelo estágio avançado de conhecimentos práticos desenvolvidos pelo indivíduo (quando no papel de praticante), pela formação da identidade (como parte pertencente da comunidade do esporte) e pela aculturação dos elementos da modalidade (Brasil et al., 2015; Ellmer, Rynne, & Enright, 2019). Desta forma, a especificação de uma modalidade e o envolvimento como agente ativo no contexto social do esporte durante a fase da adolescência e início da fase adulta, parecem direcionar para a escolha da carreira como treinador.

Esse progresso pode ser identificado na trajetória do treinador entrevistado, em que antes de criar seu próprio clube ele assumiu papel mais ativo nas atividades desenvolvidas pelo treinador do clube em que participava. Segundo Tozetto et al. (2017), a convivência e a observação de treinadores mais experientes contribuem para a aprendizagem de conhecimentos específicos do esporte. Essa aprendizagem pode ocorrer de forma intencional ou não intencional, por meio de exemplos positivos e até mesmo negativos (Callary et al., 2012; Tozetto et al., 2017). Embora nessa fase de transição (do papel de praticante para treinador) a busca pelo conhecimento ainda não seja intencional, a aprendizagem ocorre, porém só se torna consciente em um momento futuro (Brasil et al., 2015). De acordo com Brasil et al. (2015),

essas situações de aprendizagem são principalmente advindas das experiências como praticante e das interações com treinadores mais experientes, conhecido como *mentoring*. No caso do treinador entrevistado, apesar de o fim da sua participação no clube Lagoa Canoa ter sido por uma experiência negativa com seu treinador, onde houve oposição de filosofias e ideais, este período prolongado que esteve envolvido na canoagem havaiana foi onde houve a incorporação da cultura desse esporte ao seu estilo de vida.

A partir desse episódio e ainda pertencente à identidade e cultura da canoagem havaiana, o investigado buscou trilhar por novos caminhos e optou por se tornar treinador. Essa transição praticante-treinador no início da fase adulta parece ser comum à trajetória de treinadores (Brasil et al., 2018; Duarte & Culver, 2014), uma vez que há aproximação da necessidade (atuação profissional) e da identidade (praticante de uma modalidade de aventura). Com a inserção na carreira de treinador surgiu a necessidade de obtenção de conhecimentos para atuar com o *coaching*. É partir dessas experiências de *coaching* que os treinadores passam a desenvolver sua filosofia de trabalho e modificar sua biografia, tornando-se cada vez mais efetivos (Tozetto et al., 2017). Entretanto, como o caso investigado trata-se de uma modalidade de aventura recente, outras demandas foram percebidas, como a necessidade de criação do próprio clube, estabelecendo com isso o campo de atuação profissional.

Ao compreender que o cenário da canoagem havaiana no Brasil ainda é pouco explorado, haja vista que sua chegada é recente, por volta dos anos 2000, aditivamente com a Associação Brasileira estabelecida apenas no ano de 2017, pode-se perceber que a modalidade encontra-se em fase de crescimento e estruturação, o que faz com que o modo de adentrar esse contexto de forma profissional parta exclusivamente do indivíduo já envolvido com a modalidade (CBVaa, 2017). Mas não só a canoagem se encontra nesse cenário, esta parece ser uma característica recorrente dos esportes de aventura, uma vez que as entidades nacionais representativas ainda são recentes ou até mesmo inexistentes, o que provavelmente é reflexo da até então falta da necessidade de sua criação, o que pode ser visto, por exemplo, nas modalidades incluídas nos Jogos Olímpicos de Verão 2020 e na data de criação de suas entidades (escalada: 2004 e surf: 1998) (CBME, 2016; CBSURF, 1998). Desta forma, apesar de acreditar que a inclusão destas modalidades no megaevento impulsionará o crescimento e estruturação dos demais esportes de aventura, haja vista a tamanha repercussão e visibilidade proporcionada por este, ainda assim acredita-se que cabe a quem está no campo prático galgar por espaços, o que pode ser iniciado pelo estabelecimento do campo de trabalho, como foi o caso do entrevistado ao se engajar na estruturação do clube.

Importante registrar que o estabelecimento do campo de atuação foi acompanhado pela busca constante de conhecimentos que pudessem suprir as necessidades da intervenção profissional, sejam elas relativas aos materiais e equipamentos esportivos ou às metodologias de ensino, especialmente no que concerne a relação treinador-aluno.

A busca por conhecimentos se deu em todos os contextos de aprendizagem (formal, não-formal, informal), sendo os formais (faculdades cursadas) e informais (situações práticas e busca por conteúdo online) os mais evidenciados. Embora os cursos de formação superior sejam percebidos por treinadores como um ambiente de aprendizagem de conhecimentos gerais da profissão, em que os conhecimentos são muito teóricos, quando tem-se a possibilidade de fazer estágios na modalidade pretendida de atuação, há maior valorização, pois tem-se a oportunidade de aplicar a teoria na prática (Tozetto et al., 2017). Apesar dos cursos de formação inicial em Educação Física incluírem esportes de aventura em sua grade curricular, esses são tratados de forma generalista, pois inclui todos os esportes possíveis em uma única disciplina e nem todos os cursos oferecem estágio na área (Figueiredo, 2012; Milistetd, 2015). Desta forma, apesar da área da Educação Física incluir sutilmente os esportes de aventura em sua grade, ela ainda não consegue suportar totalmente as necessidades dos treinadores dessas modalidades.

Por fim, ressalta-se a capacidade do treinador entrevistado de correlacionar conhecimentos em momentos reflexivos internos para alterações e modificações constantes da prática, que refletem positivamente no seu desenvolvimento e estabelecimento do campo. Essa prática reflexiva é uma forma de potencializar a aprendizagem e influencia diretamente na biografia do indivíduo, levando-o a melhorias no seu desenvolvimento e potencializando a aprendizagem de seus alunos (Jarvis, 2006; Tozetto et al., 2017).

3.5 CONCLUSÃO

A partir da trajetória de vida do treinador entrevistado, foi possível identificar os episódios que contribuíram para o estabelecimento e desenvolvimento do próprio campo de atuação. O seu envolvimento com esportes de aventura desde a infância, bem como a permanência na adolescência, foi marcante para o engajamento na trajetória profissional como treinador de canoagem havaiana. Desta forma, acredita-se que a relação do treinador de esportes de aventura com o ambiente natural e com essas modalidades desde a infância pode gerar grande significado, o qual influencia os episódios da sua vida, como a escolha e permanência da carreira de treinador.

Embora a entrada do Alemão nessa carreira ter iniciado como uma possibilidade de se manter envolvido com a canoagem havaiana, ele se deparou com um cenário duplamente novo, em que ao mesmo tempo que mudou seu papel de praticante para treinador, também teve que desbravar o campo de atuação. Este parece ser um cenário comum a demais modalidades de aventura, as quais carecem de suporte de entidades representativas que desenvolvam tanto a modalidade quanto os treinadores, principalmente por meio de cursos de formação. Desta forma, a aprendizagem de treinadores de modalidades de aventura emergentes parece se dar por outros contextos. Para o treinador entrevistado, esses contextos permearam principalmente os informais, a partir das experiências práticas e buscas em conteúdo *online*; e os formais, a partir de cursos de nível superior em áreas nas quais ele acreditava que supria alguma necessidade sua, não necessariamente a específica da profissão.

Apesar da trajetória profissional do Alemão ter sido positiva, em que ele conseguiu se desenvolver como treinador e, ao mesmo tempo, estabelecer o próprio campo de atuação sem suporte de nenhuma entidade esportiva, esta pode não ser a realidade de outros treinadores.

A despeito dos avanços obtidos no estabelecimento do campo de atuação, há ainda o desafio de consolidar esse campo, o que perpassa pela demarcação da base de conhecimentos para atuar e a definição dos dispositivos de formação capazes de oferecer a preparação profissional nesse campo. Assim, acredita-se que a trajetória profissional pode ser potencializada pelo suporte de entidades representativas na formação de seus treinadores e pela integração desse debate à formação profissional em Educação Física.

A partir da trajetória de vida do treinador entrevistado, o presente estudo busca contribuir na literatura acerca da formação profissional de treinadores, iniciando debates acerca das necessidades de esportes de aventura emergentes e, desta forma, aponta a necessidade de demais estudos com treinadores de diferentes modalidades de aventura.

REFERÊNCIAS

- Barter, C., & Renold, E. (1999). The use of vignettes in qualitative research. *Social Research Update*, 25(9), 1-6.
- Blodgett, A. T., Schinke, R. J., Smith, B., Peltier, D., & Pheasant, C. (2011). In indigenous words: Exploring vignettes as a narrative strategy for presenting the research voices of Aboriginal community members. *Qualitative Inquiry*, 17(6), 522-533.
- Brasil, V. Z., Ramos, V., Barros, T. E. d. S. d., Godtsfriedt, J., & Nascimento, J. V. d. (2015). A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. *Movimento*, 21(3).

- Brasil, V. Z., Ramos, V., Kuhn, F., Souza, J. R. d., & Nascimento, J. V. d. (2017). Os conhecimentos de base para intervenção pedagógica do treinador de surf. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31(4), 807-817.
- Brasil, V. Z., Ramos, V., Milistetd, M., Culver, D. M., & Nascimento, J. V. d. (2018). The learning pathways of Brazilian surf coach developers. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(3), 349-361.
- Brasil, V. Z., Ramos, V., Souza, J. R. d., Barros, T. E. d. S. d., & Nascimento, J. V. d. (2016). As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. *Movimento*, 22(2), 403-416.
- Callary, B., Werthner, P., & Trudel, P. (2012). How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(3), 420-438.
- CBCa. (2019). História. Retrieved 09 de Maio, 2019, from <http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/153>
- CBME. (2016). Sobre a CBME. Retrieved 07/02/2019, from <http://www.cbme.org.br/novo/sobre-a-cbme/>
- CBSURF. (1998). Estatuto da Confederação Brasileira de Surf CBSURF. Retrieved 07/02/2019, from <http://www.cbsurf.com.br/portal/index.php/estatutos>
- CBVaa. (2017). Estatuto da associação da comissão brasileira de va'a. from http://www.cbvaa.com.br/e107_plugins/download/download.php?action=list&id=2
- Collins, L., & Collins, D. (2012). Conceptualizing the adventure-sports coach. *Journal of Adventure Education & Outdoor Learning*, 12(1), 81-93.
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13(4), 395-417.
- Creswell, J. W. (2013). Data analysis and representation. In Sage (Ed.), *Qualitative inquiry & research design: choosing among five approaches*.
- Duarte, T., & Culver, D. M. (2014). Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning perspective. *Journal of Applied Sport Psychology*, 26(4), 441-456.
- Ellmer, E., Rynne, S., & Enright, E. (2019). Learning in action sports: A scoping review. *European Physical Education Review*, 1356336X19851535.
- Figueiredo, J. d. P. (2012). *Atividades de aventura e formação profissional: aspectos acadêmicos e de mercado de trabalho*. Paper presented at the VI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, Pelotas.
- Finch, J. (1987). The vignette technique in survey research. *Sociology*, 21(1), 105-114.
- Funollet, F. (1995). Propuesta de clasificación de las actividades deportivas en el medio natural. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 41(124-129).
- Gilbert, W., & Côté, J. (2013). Defining coaching effectiveness: a focus on coaches' knowledge. In W. Gilbert (Ed.), *Handbook of sports coaching* (pp. 147-159). London: Routledge.
- He, C., Trudel, P., & Culver, D. M. (2018). Actual and ideal sources of coaching knowledge of elite Chinese coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(4), 496-507.
- Hettlage, R., & Steinlin, M. (2006). The critical incident technique in knowledge management-related contexts. *Ingenious Peoples Knowledge*.
- Hughes, R. (1998). Considering the vignette technique and its application to a study of drug injecting and HIV risk and safer behaviour. *Sociology of Health & Illness*, 20(3), 381-400.
- ICCE. (2013). *International sport coaching framework* (pp. 55).

- Jacobs, F., Knoppers, A., Diekstra, R., & Sklad, M. (2015). Developing a coach education course: A bottom-up approach. *International Sport Coaching Journal*, 2(2), 178-186.
- Jarvis, P. (2006). *Towards a comprehensive theory of human learning*: Routledge.
- Kavanagh, E. (2012). Affirmation Through disability: one athlete's personal journey to the London Paralympic Games. *Perspectives in Public Health*, 132(2), 68-74.
- Milistetd, M. (2015). A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: análise das estratégias de formação inicial em Educação Física.
- Paixão, J. A. d. (2010). Esporte de aventura: processo instrucional e situações de risco.
- Paquette, K. J., Hussain, A., Trudel, P., & Camiré, M. (2014). A sport federation's attempt to restructure a coach education program using constructivist principles. *International Sport Coaching Journal*, 1(2), 75-85.
- Ramos, V., Brasil, V. Z., de Barros, T. E. d. S., Goda, C., & Godtsfriedt, J. (2014). Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. *Pensar a Prática*, 17(3).
- Ramos, V., Brasil, V. Z., & Goda, C. (2013). O conhecimento pedagógico para o ensino do surf. *Journal of Physical Education*, 24(3), 381-392.
- Schinke, R. J., Blodgett, A. T., McGannon, K. R., & Ge, Y. (2016). Finding one's footing on foreign soil: A composite vignette of elite athlete acculturation. *Psychology of Sport and Exercise*, 25, 36-43.
- Spalding, N. J., & Phillips, T. (2007). Exploring the use of vignettes: From validity to trustworthiness. *Qualitative Health Research*, 17(7), 954-962.
- Thorpe, H., & Wheaton, B. (2011). 'Generation X Games', action sports and the Olympic movement: Understanding the cultural politics of incorporation. *Sociology*, 45(5), 830-847.
- Tozetto, A. V. B., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., Duarte, T., & Milistetd, M. (2017). Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. *Motriz: Revista de Educação Física*, 23(3).
- Werthner, P., & Trudel, P. (2009). Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 433-449.

4 O PROCESSO DE *COACHING* NA CANOAGEM HAVAIANA

4.1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas os estudos na área do treinador esportivo têm aumentado, revelando aspectos conceituais (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006; ICCE, 2013; JONES; BAILEY; THOMPSON, 2013) e processuais do processo de *coaching* no esporte (CÔTÉ *et al.*, 1995; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006; ICCE, 2013). O *coaching* é apresentado como algo mais amplo da atuação do treinador esportivo, é a realidade complexa de prática em que ele, juntamente com os atletas e colaboradores, negociam significados (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006; JONES; BAILEY; THOMPSON, 2013). Jones, Bailey e Thompson (2013) apresentam o *coaching* a partir da metáfora da orquestração, a qual define o exercício do treinador como uma atividade coordenada, baseada por um conjunto de parâmetros, os quais guiam o seu planejamento, organização e monitoramento para alcançar o aprimoramento individual e coletivo dos seus atletas e equipe.

Côté e colaboradores (1995) contribuíram na compreensão do *coaching* ao elaborar o “*coaching model*”, um modelo que busca compreender as variáveis que afetam o trabalho do treinador esportivo no alcance dos seus objetivos. No modelo, ele apresenta o *coaching process*, conceito mais específico da atuação do treinador, o qual é elemento central do modelo, composto pelo treinamento (para desenvolver habilidades nos atletas), competição (para os atletas apresentarem seu potencial) e organização (desenvolvimento de condições ótimas de treinamento e competição, por exemplo pelo planejamento dos treinos) (CÔTÉ *et al.*, 1995). Esses elementos são influenciados pelas características dos atletas e nível de desenvolvimento, por fatores contextuais e pelas características do treinador, tais como suas crenças e filosofia (CÔTÉ *et al.*, 1995). Para Resende e colaboradores (2017), essa filosofia de liderança é um dos elementos capazes de conduzir o treinador à eficácia da sua atuação. Quando ela é bem definida e clara, baseada em valores e princípios para o desenvolvimento dos atletas, bem como é aplicada na prática pelas ações do treinador, juntamente com a avaliação dessas por de critérios de avaliação de sucesso, o treinador tende de aproximar o seu exercício profissional da eficácia (RESENDE *et al.*, 2017).

Apesar das conceituações anteriores, da compreensão do *coaching* e das variáveis que nele atuam, cabe ressaltar que esse é um processo variável e flexível, uma vez que é moldado pelas regras, estruturas e tradições que cada esporte carrega consigo (ICCE, 2013). Deste modo,

cabe ressaltar que o *coaching* pode sofrer alterações em determinadas modalidades, como já é identificado nos esportes de aventura (EA) (COLLINS; COLLINS, 2012; BRASIL *et al.*, 2016).

Diferentemente dos esportes convencionais, que são praticados em ambientes estáticos (como o futebol, natação e ginástica), o processo de *coaching* nos EA visa o desenvolvimento da autonomia do aluno na prática esportiva (COLLINS; COLLINS, 2012). Este processo é balizado principalmente pelo bem-estar e segurança, uma vez que a prática ocorre em ambiente natural, o qual é instável e apresenta riscos e incertezas constantes (PAIXÃO *et al.*, 2011; COLLINS; COLLINS, 2012). Desta forma, essas modalidades exigem do treinador um conjunto de habilidades pessoais e profissionais específicas, capazes de orientar seus julgamentos profissionais, tomadas de decisão e gerenciamento dos riscos (COLLINS; COLLINS, 2013; 2015). Esses elementos são balizadores fundamentais da prática do treinador de esportes de aventura (TEA), uma vez que compreendem as habilidades pedagógicas para selecionar as estratégias de ensino adequadas as possibilidades do praticante e as condições do ambiente (COLLINS; COLLINS, 2015). Entretanto, algumas peculiaridades ainda podem ser atribuídas de acordo com cada modalidade de aventura, dependendo do ambiente de prática (mar, lagos, montanhas), da ação (individual ou coletivo) (FUNOLLET, 1995) da instrução (treinadores praticam junto ou ficam separado) e organização (regras e entidades representativas). Dentre os esportes de aventura emergentes tem-se a canoagem havaiana.

A canoagem havaiana é um esporte de aventura praticado na água, em que os praticantes (remadores) ficam dispostos linearmente dentro de uma canoa, a qual varia de um a doze lugares, e buscam se deslocar na água por meio da propulsão a remo (CBCA, 2019c). No Brasil, há indícios do movimento da canoagem havaiana ter se iniciado em 1994, com a popularização a partir de 2007 com a exibição da modalidade nos Jogos Pan-americanos (CBCA, 2019b). A criação da sua confederação específica se deu recentemente, em 2017, após emancipação da confederação de canoagem (CBCA, 2019a). Atualmente, estima-se que há mais de 26 clubes de canoagem havaiana espalhados pelos estados brasileiros (CBCA, 2019b).

Considerando a complexidade apresentada no processo de *coaching* de treinadores esportivos (CÔTÉ *et al.*, 1995; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006), bem como as peculiaridades adicionais atribuídas aos esportes de aventura (PAIXÃO *et al.*, 2011; COLLINS; COLLINS, 2012), aponta-se pela necessidade da compreensão de como ocorre o processo de *coaching* nesses esportes. Apesar de já existirem alguns estudos pioneiros na área (DUARTE; CULVER, 2014; BRASIL *et al.*, 2016; BRASIL *et al.*, 2017), estes ainda são escassos e desenvolvidos sob modalidades de aventura já estabelecidas, como a vela (SAURY; DURAND,

1998; DUARTE; CULVER, 2014) e o surf (BRASIL *et al.*, 2016; BRASIL *et al.*, 2017), as quais já são mais desenvolvidas e suportadas pelas suas confederações. Contudo, a realidade das modalidades de aventura emergentes é diferente, uma vez que estas ainda se encontram em desenvolvimento e há escassez de informações, principalmente acerca do processo de *coaching*. Considerando a escassez tanto de estudos na área, quanto de informações específicas em modalidades emergentes, o presente estudo buscou, por meio de um estudo de caso, analisar o processo de *coaching* na canoagem havaiana em um treinador de Santa Catarina.

4.2 MÉTODOS

Posicionamento Epistemológico

Articulou-se os conceitos ontológicos, epistemológicos e axiológicos do paradigma construtivista para a condução deste estudo. A pesquisadora assume a natureza do conhecimento como relativa e o constrói a partir das interações com o participante e os ambientes em que ambos estão inseridos (DENZIN; LINCOLN, 2018). Deste modo, a autora participa de forma ativa no desenvolvimento do estudo, por meio da integração de seus valores e percepções de vida para com o investigado, construindo o conhecimento de forma conjunta (DENZIN; LINCOLN, 2018).

Caracterização do Estudo

A presente pesquisa se caracteriza como interpretativa, pois apresenta as interpretações do investigado por meio de suas percepções, crenças e experiências (DENZIN; LINCOLN, 2018). A abordagem é qualitativa e com caráter de estudo de caso, uma vez que, por meio de múltiplas fontes de evidências, busca compreender de forma aprofundada um único fenômeno dentro do seu contexto de vida real (YIN, 2011; DENZIN; LINCOLN, 2018). Este é um estudo de caso intrínseco, em que o foco se dá sobre a compreensão do caso em particular, em que ele próprio é o principal interesse de estudo. Desta forma, ele não busca, como objetivo principal, representar os demais casos, fazer generalizações ou mesmo construir teorias (DENZIN; LINCOLN, 2018)

Participante do Estudo

O participante foi escolhido de forma intencional de acordo com algumas características importantes para o estudo (GIL, 2008), tais como: possuir como principal atividade profissional a atuação como treinador na modalidade; possuir experiência de prática pessoal na modalidade; possuir experiência de prática profissional como treinador de, no mínimo, 10 anos; possuir reconhecida competência no ensino/treino da modalidade; expressar motivação e disponibilidade para participar do estudo.

O investigado é remador desde que a canoa havaiana chegou ao Brasil, ele já foi instrutor em outros clubes e hoje é treinador do seu próprio, contemplando mais de dez anos de prática profissional. O seu clube é o maior, de sede única, em número de alunos em Santa Catarina e está entre os maiores do Brasil. Além disso, o treinador apresenta grande envolvimento e reconhecimento na modalidade no cenário nacional.

Procedimento de Coleta de Dados

Primeiramente fez-se o contato com o treinador para apresentar a pesquisa e seus objetivos, bem como fez-se o convite para participar da mesma. Nesta ocasião todos os aspectos éticos foram mencionados e esclarecidos. Após o aceite voluntário do participante e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi realizado o planejamento acerca da coleta de dados, a qual ocorreu no seu local de trabalho e nos dias de sua conveniência, contemplando seis etapas divididas em dois blocos (Quadro 2).

O primeiro bloco iniciou-se pela realização de uma entrevista semiestruturada sobre o tema “contexto do treinador”, a qual teve duração de 77 minutos e explorou as dimensões: background (Ex.: qual é a sua experiência na canoagem havaiana?), contexto (Ex.: quais são as características das suas turmas/alunos?) e filosofia do treinador (Ex.: qual é o seu objetivo principal como treinador?). Posteriormente foram coletados três planos de treino com objetivos distintos, a serem aplicados em diferentes turmas. Todos os planos foram enviados em formato digital, mantendo o modelo já utilizado na prática cotidiana do treinador. Este meio de coleta foi selecionado como uma forma de obter informações prévias, por meio de documentos escritos, daquilo que seria observado e investigado (MARCONI; LAKATOS, 2010). Na sequência foram realizadas três entrevistas semiestruturadas sobre o tema “pré-treino”, uma para cada plano de treino entregue, com duração de 47, 36 e 32 minutos respectivamente. Essas

entrevistas abordaram as dimensões: conhecimento sobre a turma (Ex.: o que você sabe sobre esse grupo? Quais são os objetivos deles?) e concepção de planejamento de treino (Ex.: o que você planejou para esse treino? Qual será o objetivo? Por quê?). Esses três treinos planejados foram filmados pelo treinador por meio de duas câmeras de vídeo, sendo uma localizada no seu tronco e outra afixada na canoa. O conteúdo de vídeo adquirido foi utilizado para dois procedimentos: observação e estimulação de memória. As observações foram realizadas a posteriori pela pesquisadora, com o intuito de identificar situações e comportamentos recorrentes do treinador. A quantidade de observações realizadas foi baseada nas metodologias utilizadas em estudos anteriores na área (SAURY; DURAND, 1998; COLLINS; COLLINS, 2015; 2016a).

O segundo bloco da coleta de dados contemplou três entrevistas semiestruturadas, uma para cada treino observado, realizadas em conjunto com a técnica de estimulação de memória, em que se abordou o tema “treino e pós-treino”. Inicialmente fez-se a recordação de memória por meio de trechos dos vídeos dos treinos, os quais foram selecionados pela pesquisadora. Após a apresentação destes, deu-se liberdade ao investigado para transitar o vídeo conforme sua preferência e tirar quaisquer dúvidas. A escolha deste procedimento teve como objetivo acessar os processos intelectuais do indivíduo em momentos de julgamento e tomada de decisão (JANUÁRIO, 1996), desta forma, foi utilizado para lembrar o treinador sobre os treinos já realizados. A continuidade da recordação de memória deu-se conforme sugerido por Gilbert, Trudel e Haughian (1999), em que foi solicitado ao treinador que identificasse e discutisse sobre as tomadas de decisão acerca de situações fora do seu planejamento. Na sequência, mantendo o procedimento sugerido pelos autores (GILBERT; TRUDEL; HAUGHIAN, 1999), foram apresentados ao treinador trechos de vídeos acerca das situações e comportamentos previamente identificados pela pesquisadora na observação e, desta forma, solicitou-se a descrição e explicação do objetivo de cada uma delas. Após o procedimento de estimulação de memória deu-se continuidade na entrevista segundo o guia pré-planejado, o qual contemplou as dimensões: condução do treino (Ex.: como ocorreu o treino? Ele seguiu como o planejado?) e reflexões e avaliações sobre a prática (Ex.: o que esse treino influenciará as outras sessões e o planejamento a longo prazo? O que você poderia ter feito de diferente?). Todo o procedimento de estimulação de memória juntamente com a entrevista, para cada um dos três treinos observados, teve duração de 54, 67, 59 minutos respectivamente. A escolha do procedimento de entrevista semiestruturada se deu pela similaridade desta com uma conversa informal (MARCONI; LAKATOS, 2010), porém baseadas em guias pré-planejados e abertos,

possibilitando a obtenção de informações acerca de um tema já definido (SMITH; SPARKES, 2016). Os três guias elaborados foram adaptados do estudo de Collins e Collins (2015) e conduziram as entrevistas sobre o “pré-treino”, “treino” e “pós-treino”.

Os materiais e programas utilizados na coleta envolveram: uma câmera filmadora à prova d’água com captura de som da marca *GoPro* modelo *Hero 7 Black* e outra no modelo *Hero 6 Black*, as quais foram utilizadas nas filmagens para as observações e recordação de memória; para as entrevistas foi utilizado o gravador do *smartfone* *Xiaomi* modelo *Mi A2* e, como *backup*, o gravador do computador *Samsung* modelo *NP270E4E*. Para o procedimento de estimulação de memória foi utilizado o *notebook* *Samsung* modelo *NP270E4E* para apresentar os vídeos através do programa *Windows Media Player*.

Quadro 2 - Detalhamento do procedimento de coleta de dados

ETAPA	OBJETIVO	FONTE DE INFORMAÇÃO	QUANTIDADE	DURAÇÃO (min)
1	Primeiro contato	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	1	-
2	Contexto do treinador	Entrevista semiestruturada	1	77
3	Plano de treino	Plano de treino digital	3	-
4	Pré-treino	Entrevista semiestruturada	3	47 36 32
5	Observação	Filmagem	3	-
6	Treino e pós-treino	Entrevista semiestruturada + estimulação de memória	3	54 67 59

Fonte: próprio autor.

Análise e Apresentação de Dados

Todas as entrevistas foram transcritas literalmente com o auxílio dos programas *Microsoft Office Word* e *Express Scribe Transcription Software* e, posteriormente, foram trianguladas com as observações e os planos de treino. A análise dos dados se deu pela técnica de análise temática sugerida por Braun, Clarke e Weate (2016), segundo o conjunto de passos, que consistiram: (1 e 2) na familiarização e codificação, a partir das transcrições, imersão nos dados e anotações acerca de itens importantes para a análise; (3 a 5) no desenvolvimento, refinamento e nomeação de temas, por meio da criação de códigos e a disposição destes em temas e subtemas representativos, homogêneos internamente e heterogêneos externamente, inclusos dedutiva e indutivamente dentro dos temas gerais (pré-treino, treino, pós-treino); e (6) escrevendo, por meio da apresentação dos resultados de forma coerente no estudo. No processo

de criação de códigos, inicialmente foram gerados 212, os quais após reorganização, nomeação e categorização totalizaram-se em 71. Esses códigos foram dispostos nos três temas gerais pré-definidos, baseados no estudo de Collins e Collins (2015).

Os resultados são apresentados a partir dos temas gerais por meio de representações gráficas e vinhetas do tipo retrato. As representações gráficas estão no formato de árvore de códigos e buscam resumir, de forma clara, os achados da pesquisa (TONG; SAINSBURY; CRAIG, 2007). As árvores de códigos foram utilizadas no início de cada seção dos resultados para apresentar os temas e subtemas descritos nas vinhetas. A vinheta é uma forma de documentar os resultados por meio de histórias (BLODGETT *et al.*, 2011), as quais são contadas em primeira pessoa dando voz ao participante do estudo (HUGHES, 1998), tornando a leitura dos resultados mais atrativa, criativa e acessível ao leitor (SPALDING; PHILLIPS, 2007).

Rigor Metodológico

No presente estudo foi realizada a triangulação dos dados, os quais foram obtidos por três diferentes técnicas (entrevistas, observações e análise documental). Este procedimento se deu como uma forma de explorar os benefícios de cada um e, ao mesmo tempo, compensar as possíveis limitações existentes (SHENTON, 2004). Durante o procedimento de análise e apresentação dos dados, adotou-se o procedimento de “amigos críticos”, em que o primeiro autor reuniu-se com os demais autores nas fases de análise dos dados e apresentação dos resultados, para refletir em diálogos críticos as interpretações de cada autor. Este procedimento incentiva o processo reflexivo e crítico do autor principal ao invés de gerar concordância deste com os demais autores (SMITH; MCGANNON, 2017). Após a elaboração dos resultados, as vinhetas foram enviadas para o entrevistado para a conferências das informações e possíveis alterações. Apesar de tal procedimento não garantir a validade dos resultados (SMITH; MCGANNON, 2017), ela proporciona ao entrevistado que as suas palavras estejam de acordo com aquilo que pretendia informar (SHENTON, 2004).

Considerando que na pesquisa qualitativa o pesquisador é o instrumento de coleta e análise de dados e que a familiarização prévia com o contexto do investigado é de suma importância para a credibilidade da investigação (SHENTON, 2004), cabe ressaltar que a primeira autora deste estudo apresenta estreita relação com o investigado. Além do entrevistado ter sido seu treinador de canoagem havaiana, também foi seu mentor para o ensino do esporte.

Desta forma, a relação de proximidade e confiança entre ambos contribuiu para o acesso a informações profundas e detalhadas para o estudo.

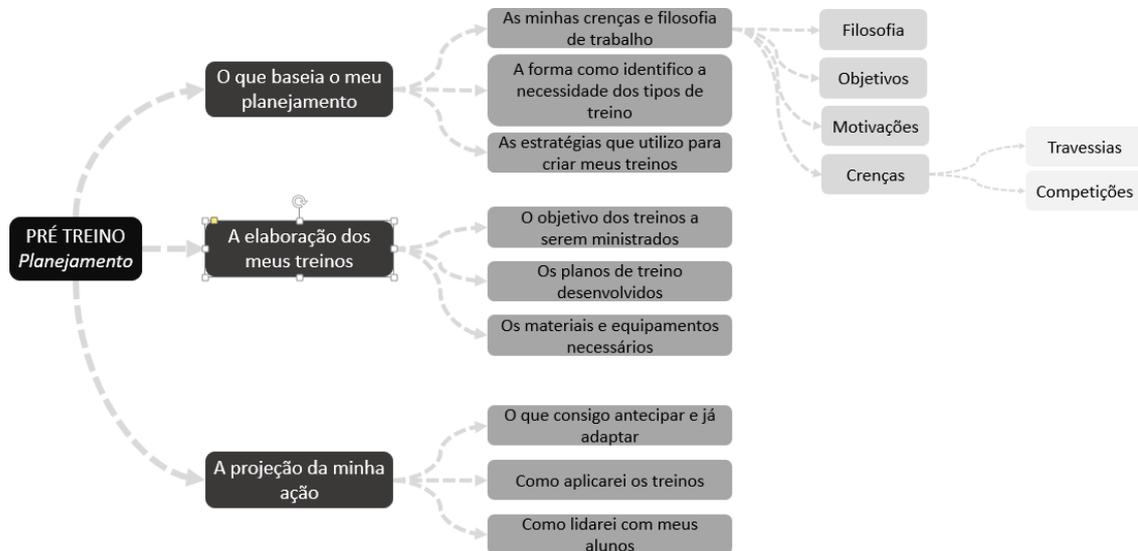
Aspectos Éticos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer nº 3.332.626 e todos os aspectos éticos foram respeitados durante seu planejamento e condução. Ressalta-se ainda que, para a manutenção do anonimato do participante, dos indivíduos e estabelecimentos citados no estudo, todos os nomes reais foram substituídos por pseudônimos.

4.3 RESULTADOS

Pré-treino: O Planejamento

Figura 3 - Árvore de códigos do pré-treino.



Fonte: próprio autor.

O que baseia o meu planejamento

No meu trabalho eu me identifico como um facilitador, pois eu ensino as pessoas a remar e busco sempre promover um ambiente positivo de treino. É contra a minha filosofia fazer

imposições, cobranças árduas e xingamentos para consegui-las. Dessa forma eu, no papel de treinador e líder desse grupo, tenho como objetivo melhorar a qualidade de vida e promover o bem-estar dos meus alunos por meio de uma atividade física na natureza. Mais especificamente com os treinos eu espero que eles desenvolvam o condicionamento necessário para remar longas travessias, que é o que realmente me motiva.

Eu acredito que a travessia é a essência da canoagem havaiana, pois é um desafio em que você encontra dificuldades, supera limites e descobre quem você realmente é, além de vivenciar tudo isso em conjunto e desenvolver uma sensação de pertencimento de grupo. Apesar de eu gostar e participar de travessias e desafios de longas distâncias, eu não gosto de competições, eu já tive muitas experiências ruins nesses contextos, tanto como praticante quanto como treinador. Assim, eu sou contra participar de competição, pelo menos nesses moldes que geram mais retorno negativo do que positivo, então eu quero que meus alunos venham remar para se sentirem parte de um grupo e não para se sentirem os melhores. Eu realmente fico triste com quem enxerga a canoagem somente como competição, porque eu sei que essa não é a essência da canoagem havaiana. A partir dessas minhas crenças e filosofias é que eu planejo os meus treinos.

A elaboração dos meus treinos

Para planejar os treinos eu preciso primeiramente identificar qual é a demanda da turma, desta forma, eu seleciono o objetivo macro de acordo com algum fator contextual, como um complemento dos treinos anteriores ou de uma periodicidade de um treino específico. Um exemplo de um fator contextual foi uma gincana que fiz com os alunos, em que o objetivo era remar para arrastar um galão pesado o mais distante possível. Nessa prova a maioria dos alunos não conseguiram arrastar o balde, pois fizeram muita força sem técnica, desperdiçando energia na água. A partir desse fator eu percebi que a turma precisava aprender a fazer força dentro da água e assim elaborei um conjunto de treinos para esse fim.

Quanto ao complemento de treino é quando eu identifico uma necessidade complementar ao que já foi trabalhado, por exemplo, em um treino de técnica em que trabalhei diferentes estilos de remada eu percebi a necessidade de trabalhar esses estilos dentro de diferentes intensidades, logo elaborei um treino intervalado associado aos diferentes estilos. Já alguns treinos em específico eu gosto de fazer de tempos em tempos, pois eles trabalham algo importante que todos os alunos devem compreender e, como durante o ano eu tenho a entrada

de alunos novos, é necessário que esses treinos sejam repetidos. Um exemplo de um treino periódico é um que eu amarro a canoa em um local fixo e fico em pé do lado de fora da canoa corrigindo a técnica de um a um.

Escolhido o objetivo macro eu preciso criar um conjunto de treinos dentro de uma sequência para alcançar tal objetivo, assim eu uso algumas estratégias. Eu me baseio em um site de uma empresa de tecnologia que desenvolve equipamentos GPS para auxiliar o treinamento esportivo. Neste site existem planejamentos mensais para diversas modalidades, assim eu escolho aquela que mais se aproxima da canoagem e faço as adaptações, porém nem sempre é possível utilizá-lo, já que eu dependo muito das condições do ambiente e na hora do treino elas podem me levar a substituir por outro. Outra estratégia é contar com a ajuda dos instrutores que trabalham comigo, pois as vezes eles me trazem novas ideias e possibilidades.

Quanto a elaboração de cada treino do conjunto, após escolhido o objetivo macro, eu busco primeiramente selecionar o objetivo principal da unidade de treino, para na sequência desenvolver o plano e selecionar os materiais e equipamentos necessários. Por exemplo, em um treino dentro do conjunto macro de hipertrofia o meu objetivo principal na unidade pode ser que os alunos aprendam a fazer força dentro da água. Desta forma, apesar do treino proporcionar o aumento do volume muscular, o meu foco será na aplicação da força com a técnica correta. Feito isso eu desenvolvo o treino, mantendo nesse exemplo de hipertrofia, eu faço um aquecimento nos primeiros 15 minutos e vou para a parte principal, a qual compõe três ciclos de seis repetições de 30 segundos de remada forte e 30 segundos de recuperação passiva. Para cada ciclo aumenta-se a carga. Elaborado o plano eu seleciono os materiais necessários, neste treino, por exemplo, as cargas são pneus de carrinho de mão amarrados na canoa por cordas. Para cada treino eu preciso de diferentes materiais, como cordas, boias de marcação, câmera de vídeo, entre outros. Porém, eu tenho também os materiais fixos de todas as aulas, como os rádios de comunicação e o relógio GPS sincronizado com o plano de treino.

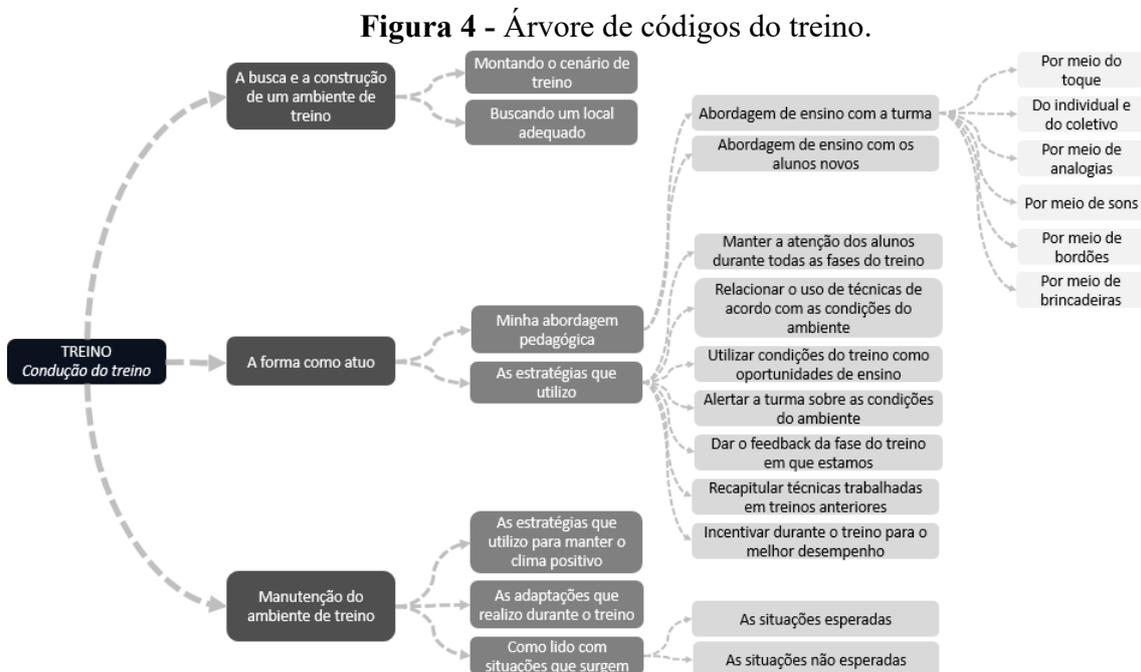
A projeção da minha ação

Após o processo de elaboração eu passo para a projeção da minha ação, ou seja, em como pretendo aplicar meus treinos. Neste momento eu busco identificar possíveis fatores que podem acontecer e assim já penso nas adaptações necessárias, além de pensar na forma como vou aplicar o plano elaborado e como lidarei com meus alunos. As antecipações que faço são principalmente relacionadas às condições do tempo, como vento, ondas, virada de tempo, frente

fria, mudanças de pressão atmosférica e chuva. Porém, também antecipo algumas reações das turmas, como a competitividade, a falta de esforço nos momentos de força, o excesso de força em momentos de intervalo e a presença de alunos novos. A partir desses fatores eu já realizo algumas adaptações nos treinos ou até mesmo desenvolvo um novo. Quanto aos alunos, eu já busco estratégias para não gerar a competição e estimular as alterações de força nos momentos de treino, por exemplo dividindo os alunos de forma equilibrada entre as canoas e promovendo largadas a partir da inércia, o que demanda mais intensidade.

A partir dessas adaptações eu já penso o modo como aplicarei o treino, o que envolve a organização do espaço físico, a recepção dos alunos, a separação de material, a distribuição dos alunos na canoa, o aquecimento do treino em contravento, a manutenção da proximidade das canoas, os procedimentos e intervenções durante a parte principal, o encerramento, o agradecimento, os feedbacks gerais e individuais. Já quanto a forma como lidarei com os alunos, eu busco me adaptar a intenção de cada turma e aos perfis dentro de cada uma delas, bem como me planejo para eventuais desavenças comigo e entre os alunos, por exemplo o confronto à minha liderança e a cobrança de performance entre eles.

Treino: Condução do Treino



Fonte: Próprio autor.

A busca e a construção de um ambiente de treino

O meu treino inicia com a busca por um local apropriado para aplicar o treino, pois para cada tipo eu preciso de uma condição ambiental específica, como por exemplo um local com pouca incidência de vento, sem ondas laterais e de média a muita profundidade da água, uma vez que esses elementos influenciam na intensidade e segurança dos treinos. Encontrado o local, eu preciso montar o cenário, pois apesar de alguns treinos não precisarem de nenhum material extra, outros eu preciso criar, distribuindo boias pela água ou até mesmo ancorando as canoas. Esses procedimentos geralmente ocorrem concomitantemente ao aquecimento específico dos alunos em água.

A forma como atuo

Durante a minha atuação eu me utilizo de algumas abordagens de ensino para as turmas como um todo e outras especificamente para os alunos novos. Com a turma eu gosto sempre de corrigir o grupo e não diretamente uma pessoa, então eu busco primeiro corrigir a canoa toda, depois o setor e, se necessário, o indivíduo. Em contrapartida, existem treinos que eu faço a intervenção de um a um, nestes casos eu me utilizo do erro de cada um para ensinar o grupo todo. Outra abordagem é o ensino por meio de analogias, alguns exemplos são a relação das marchas de um fusca com os estilos de remada, assim como o movimento de arranhar do gato com a posição da mão durante a técnica de propulsão. Também gosto de ensinar por meio de bordões, como por exemplo “não é a água que vai para trás, é a canoa que vai para frente” e “cada enxadada, uma minhoca”. Eu costumo usá-los antes das fases da parte principal do treino, assim relembro a forma de propulsão que a canoa deve tomar e o rendimento das remadas antes da sua execução.

Outra abordagem são as brincadeiras, eu acredito que elas podem tanto descontrair após momentos fortes de treino em que todos estão cansados, como ao mesmo tempo podem passar mensagens sérias. Um exemplo disso foi um dia de condição de tempo difícil em que eu brinquei com a tatuagem de um instrutor que diz “não deixa o mar te engolir”, todos riram, mas entenderam a seriedade do momento. O que gosto de usar para facilitar o ensino é o uso de sons, pois eu acredito que o ser humano é movido pelo som, pois a visão te distrai, assim quando eu preciso de uma remada mais longa eu faço um som grave, quando eu preciso de uma remada curta eu faço um som agudo. Também me utilizo do toque, porém é mais nos treinos em que eu

ancoro a canoa no raso, pois assim posso ir de um a um posicionando e empurrando o remo da forma correta.

Já com os alunos novos eu tenho abordagens específicas, como por exemplo colocar ele próximo a mim na canoa para eu poder fazer as instruções, as quais são sempre de forma descontraída e com brincadeiras, pois é uma forma de acessar e conquistar a pessoa, além de minimizar o medo que ela traz. Desta forma, ela participa do treino com a turma, porém com um objetivo diferente que é a sincronia, pois eu não exijo performance durante esse período de adaptação. Nos treinos seguintes eu busco não corrigir muito ou dar novas informações a esse aluno, eu deixo ele com tempo para processar tudo o que foi ensinado na primeira aula, assim falo apenas coisas pontuais.

Durante o treino eu me utilizo de algumas estratégias, tais como: alertar a turma sobre as condições do ambiente para que todos estejam preparados para qualquer situação, pois uma canoa displicente é aquela que dá problema; dar o feedback da fase do treino que estamos para informar os alunos, assim eles se motivam e dosam a energia de acordo com as fases; incentivar durante o treino para melhorar o desempenho, principalmente durante e após os momentos de força em que os alunos já estão cansados, isso motiva e inspira a continuar forte. Outra estratégia é manter a atenção dos alunos durante todas as fases do treino, para que o foco sempre esteja em mim e no que eu falo, assim todos mantem-se engajados e evita a dispersão. Também busco recapitular técnicas trabalhadas em treinos anteriores como uma forma de revisão e assimilação, assim otimiza o tempo da explicação; além de relacionar o uso de técnicas de acordo com as condições do ambiente para desenvolver a autonomia dos alunos, uma vez que cada condição exige uma performance diferente; bem como utilizar condições do treino como oportunidades de ensino, como por exemplo o escuro do anoitecer para ensinar a sincronia ou amarração para ensinar como se reboca a canoa em um resgate.

Manutenção do ambiente de treino

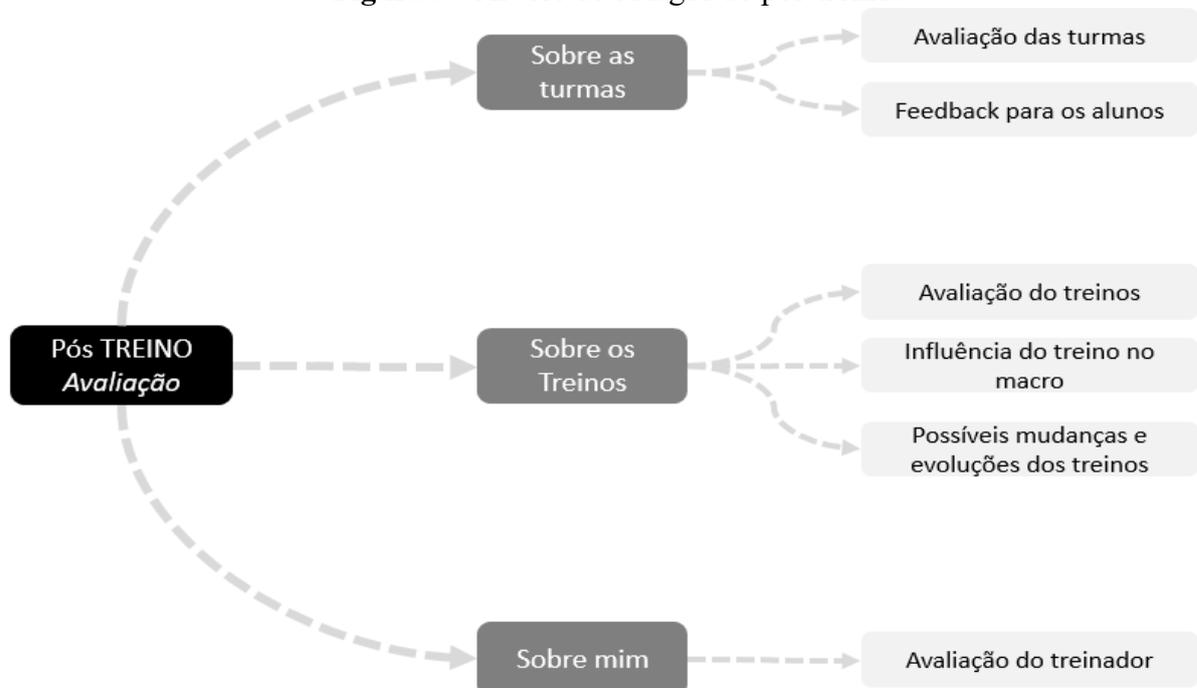
Por fim, durante a condução do treino eu busco sempre a manutenção do meu ambiente, seja por manter o clima positivo, por realizar adaptações do plano ou lidar com situações que surgem. Uma estratégia que utilizo para manter o clima positivo é fazer brincadeiras, seja com os meus instrutores, com a turma ou com alunos em específico, assim todos se sentem bem-vindos e eu consigo manter o meu grande grupo. Essas brincadeiras costumam ser feitas no

aquecimento, volta à calma ou em intervalos longos, algumas vezes eu me inspiro por alguma situação do momento ou eu me preparo antes.

Quanto às adaptações do plano elas geralmente são sobre a duração das fases, pois às vezes eu preciso diminuir ou aumentar uma fase de acordo com a localização que estamos, pois passamos por pontes, barcos e curvas, assim para a segurança dos meus alunos e dos equipamentos é preciso alterar. Já em relação às situações que surgem tem aquelas que são esperadas e as não esperadas. As situações esperadas geralmente são mudanças nas condições do tempo e a chegada de alunos novos, mas isso não me afeta, pois elas já foram identificadas no planejamento e eu já venho preparado para lidar com elas. Já com as situações não esperadas é preciso tomar algumas decisões e adaptar, por exemplo, em um dia que a condição do tempo não era adequada para o treino que eu tinha planejado eu precisei gastar tempo para procurar um bom local, isso atrasou e eu terminei a remada durante a noite. Nessa situação, as canoas que já tinham terminado antes voltaram para a base e eu continuei com os demais, assim nem todos os alunos chegaram fora do horário, além de eu aproveitar o escuro para treinar a sincronia daqueles que ficaram até mais tarde.

Pós-treino: Avaliação e Reflexão

Figura 5 - Árvore de códigos do pós-treino.



Fonte: próprio autor.

Sobre as turmas

Após o treino eu realizo algumas avaliações, sejam elas sobre as turmas, os treinos ou sobre mim. A avaliação das turmas as vezes é positiva, em que eles se mantêm dentro daquilo que já é esperado ou surpreendem mantendo-se focados e respondendo bem ao treinamento. Um exemplo foi um dia de condição de tempo chuvoso em que faltaram alguns alunos e a turma estava mais controlada, eles não dispersaram, conseguiram focar e as canoas andaram juntas, estavam bem parelhas e foi mais fácil de comandar todos juntos. Outras vezes a avaliação é negativa, em que percebo a dificuldade da turma responder aos meus comandos quanto as mudanças de intensidade durante o treino, mantendo sempre fraco ou sempre forte. Eu tenho uma turma que se envolve bastante, mas eles têm muita dificuldade de aumentar a intensidade quando solicitado, eles aguentam bastante tempo remando, mas sempre em uma remada fraca, por mais que eu peça poucos segundos de uma remada mais intensa ou um estilo de remada diferente, eles não conseguem responder. Quanto ao feedback para os alunos, em alguns tipos de treino em específico eu consigo dar um retorno mais completo, como é o caso do treino em que eu fico fora da canoa e faço filmagens deles remando, assim eu envio o vídeo individual e do grupo para todos os alunos.

Sobre os treinos

Em relação aos treinos, minha avaliação geralmente é positiva, pois consigo atingir os objetivos deles, além de manter a turma engajada e um clima legal. Apesar de alguns treinos serem muito desgastantes para mim, mesmo assim eu os faço, pois são necessários para os meus alunos. Um exemplo de treino desgastante é o que eu ancoro a canoa e fico do lado de fora dando instrução de um a um. Nesse treino eu uso a minha voz o tempo inteiro e faço isso exposto ao ambiente, além de aplicar em todas as turmas, muitas vezes uma na sequência da outra, e ter que instruir em dois dias 250 pessoas. Esse treino acaba comigo, mas como ele é muito eficiente, eu não deixo de aplica-lo.

Eu consigo perceber o quando esse e os demais treinos acabam influenciando o todo, pois quando eu misturo todas as turmas para fazer remadas longas no mar (fora dos períodos de treino), é notável a melhora do desempenho, tanto em algumas técnicas específicas para o mar quanto na potência das remadas por um período maior de tempo. No mar nós usamos principalmente dois estilos de remadas, um para embalar nas ondas e outro para manter a canoa

em movimento. É muito nítido quando uma pessoa não sabe diferenciar os dois estilos e ela acaba interferindo na canoa como um todo. Dessa forma, é possível perceber a melhora do aluno que participou efetivamente nos treinos quando ele chega no mar.

A partir das avaliações dos treinos eu busco pensar em possíveis alterações e evoluções, pois eu sempre quero fazer algo diferente. Agora eu preciso pensar em possibilidades e logísticas, já que eu tenho algumas coisas em mente, como elaborar treinos em terra, remar junto com a turma em uma posição mais a frente para todos me verem, mudar tempos e cargas dos treinos já elaborados, acompanhar de barco e fazer filmagens, gravar vídeos de técnicas específicas, entre outras coisas que ainda estou desenvolvendo.

Sobre mim

Quanto a mim, apesar de eu não saber bem o que mudar na minha atuação, eu sempre quero melhorar. De modo geral, minha autoavaliação é positiva, pois eu estou sempre em busca de desenvolver treinos novos para os meus alunos para mantê-los engajados. Embora eu não tenha tido essas matérias da Educação Física relacionadas à elaboração de treinos, eu tive muita vivência, li muitos livros e, na verdade, o meu clube é um dos que mais elabora treino, muitos só remam livre o tempo inteiro.

Em contrapartida, eu reconheço meus pontos fracos, por exemplo a falta de criatividade para elaborar treinos novos e a necessidade de mais motivação e animação durante minha atuação. Eu estou sentindo a necessidade de ser mais criativo na elaboração dos meus treinos, eu quero evoluir daquilo que eu já tenho, eu quero motivar a nova leva de remadores que estão chegando e para isso eu preciso de ajuda, porque apesar de eu já fazer isso há 18 anos, essa não é a minha formação inicial. Já quanto à necessidade de mais motivação e animação, eu acredito que isso seja reflexo da sobrecarga que tenho, porque apesar de eu ter os instrutores que trabalham comigo, eu preciso fazer com que eles ajam mais durante os treinos, nem que seja incentivando os alunos para quebrar um pouco do silêncio, é muito difícil eu comandar cinco canoas e tê-las todas sob minha responsabilidade o tempo inteiro.

4.4 DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos na presente pesquisa, pode-se perceber que o processo de *coaching* do treinador de canoagem havaiana investigado dá-se em três fases: pré-treino,

treino e pós-treino. A fase de pré-treino envolve principalmente o planejamento, o qual é permeado pelas crenças, objetivos, motivações e filosofia do treinador. A percepção clara destes componentes pode ser entendida como a concretização da filosofia de liderança, que quando alinhada e operacionalizada à prática, juntamente com a definição de critérios para a avaliação da mesma, conduzem o treinador esportivo para uma eficácia no seu processo de *coaching* (RESENDE, 2016; RESENDE *et al.*, 2017). Desta forma, acredita-se que essa filosofia, quando clara para todos (tanto o treinador quanto os atletas), torna as ações do treinador mais consistentes, bem como motiva o engajamento dos atletas, direcionando a equipe cada vez mais aos seus propósitos.

Um aspecto interessante ao descrever a filosofia do participante é a sua aversão à competição. Embora a competição seja um elemento chave no *coaching* dos esportes convencionais (CÔTÉ *et al.*, 1995), seja ela em diferentes configurações e contextos, nos esportes de aventura ela não é um elemento obrigatório. Apesar da competição nos EA existir em diferentes níveis, incluindo, recentemente, o nível olímpico para algumas modalidades, a cultura e até mesmo a crença de uma parcela significativa de praticantes de alguns EA é contrária à competição, uma vez que acreditam que ela tornaria o esporte sério demais e diminuiria o espírito irreverente da modalidade (THORPE; WHEATON, 2011). Desta forma, acredita-se que a competição é um elemento opcional no processo de *coaching* de esportes de aventura, independentemente do contexto.

Especificamente à elaboração dos planos de treino, o treinador investigado apresentou orientá-la a partir da definição de objetivos, atividades, materiais e equipamentos. Para Resende e colaboradores (2017) o plano deve apresentar os conteúdos dos exercícios que promoverão o alcance dos objetivos estipulados, seja para a unidade de treino ou para a fase pedagógica em que se encontram. Porém, quando se trata de esportes de aventura, os planos devem se apresentar de forma mais aberta e flexível, extrapolando o conteúdo em si (COLLINS; COLLINS, 2016b), como pode ser visto no presente estudo na sessão “projeção da minha ação”. Isso deve-se a influência do ambiente de prática e suas características no ensino-aprendizagem, uma vez que o ambiente natural é inconstante e dotado de riscos e incertezas (PAIXÃO *et al.*, 2011; COLLINS; COLLINS, 2016b).

Portanto, os TEA devem considerar esses elementos durante o planejamento, elaborando mais de uma possibilidade de treino e permitindo adaptações durante sua execução, as quais devem responder às mudanças das condições do ambiente e ao estágio de aprendizagem dos alunos (COLLINS; COLLINS, 2016b). Essas ações já podem ser observadas em alguns

estudos, como no de Brasil et. al (2016), em que formadores de treinadores de surf apresentam a importância da antecipação das condições do mar e do ambiente para a elaboração de uma intervenção voltada às expectativas e necessidades dos alunos. Do mesmo modo, Saury e Durand (1998), denominam essas ações como “adaptação flexível de planos para circunstâncias imprevistas”, em estudo realizado com treinadores de vela. Assim, enaltece-se a importância do julgamento profissional e das tomadas de decisão desde as etapas de planejamento da sessão de treino (COLLINS; COLLINS, 2016b).

Quanto à segunda fase do processo de *coaching* identificada no presente estudo, o treino, os resultados direcionaram a condução do treino para a promoção de ambientes seguros e propícios de aprendizagem, por meio de abordagens e estratégias pedagógicas relacionadas às características do esporte e do ambiente, bem como na manutenção do clima positivo de boas relações e interações. Nesses elementos percebe-se a forte influência que as condições do ambiente exercem sobre o processo de *coaching* no treinador investigado, a qual já pode ser percebida em outras modalidades de aventura. O estudo de Brasil e colaboradores (2016), realizado sobre o surf, apresentou o gerenciamento dos riscos, por meio de adaptações frente às condições do ambiente, como um dos elementos da prática do treinador durante a intervenção. Saury e Durand (1998), ao investigar treinadores de vela, revelaram a importância de as tarefas do treino estarem relacionadas às condições do ambiente e, em alguns momentos, sendo necessário trocar totalmente o planejamento, para que este seja favorecido e condizente com as condições do ambiente no momento do treino. Essa influência também parece refletir nas estratégias pedagógicas de ensino do treinador investigado, uma vez que ele apresenta fazer relação das técnicas ensinadas com as condições do ambiente, assim como usa essas condições como uma oportunidade de ensino de algo em específico. Deste modo, o treinamento vai além do desenvolvimento de habilidades, físicas, técnicas, táticas e mentais nos atletas, como sugerido no *coaching model* (CÔTÉ et al., 1995). Especificamente no caso investigado, o treinamento também envolvendo todo o aspecto ambiental e a relação de risco-segurança.

Outro elemento apresentado nesta fase foi a manutenção de um ambiente de treino, por meio de estratégias para manter um clima positivo, o qual compreende a promoção do bem-estar e integração dos alunos, o que também é estendido às abordagens de ensino, por meio das brincadeiras realizadas durante os treinos. De acordo com o ICCE (2013), os treinadores dos contextos de participação, quando promovem experiências positivas no esporte e são capazes de manter seus alunos intrinsecamente motivados, contribuem para a participação esportiva em longo prazo. As adaptações no treino, bem como as tomadas de decisão frente às situações que

surtem também contribuem para a manutenção do ambiente de treino. Esses elementos parecem se aproximar daquilo denominado de “organização” (CÔTÉ *et al.*, 1995), a qual compreende a estruturação e coordenação de tarefas para desenvolver condições ótimas de treinamento e competição, as quais podem ser realizadas pré, durante e pós treino. Apesar dos exemplos de organização estarem mais voltados para o planejamento dos treinos e os trabalhos desenvolvidos com assistentes esportivos (CÔTÉ *et al.*, 1995), no caso investigado a organização, realizada durante o treino, recai sobre a escolha e a construção de ambientes apropriados, bem como as adaptações e tomadas de decisão frente às situações esperadas e não esperadas que surgem. Esse conjunto de ações demandadas na prática para responder às mudanças corroboram com as ideias de Jones, Bailey e Thompson (2013), em que o *coaching* é uma atividade não linear que beira a instabilidade, em que há demanda por respostas às circunstâncias que surgem, sendo elas capazes de contribuir para o aprimoramento individual e coletivo dos atletas, o que compreende também a continuidade dos julgamentos profissionais e tomadas de decisão do TEA durante a condução do treino (COLLINS; COLLINS, 2015).

A terceira fase do processo de *coaching* apresentada nesse estudo, o pós-treino, é composta pelas avaliações do treinador acerca de si mesmo, dos treinos e dos alunos. Segundo Gilbert e Côté (2009), essa habilidade de compreensão, introspecção e reflexão vêm de um conhecimento intrapessoal do treinador, tornando-o capaz de transformar suas experiências diárias em novos conhecimentos e habilidades. Essa capacidade de olhar criticamente para a própria atuação e de reconhecer as falhas, bem como buscar o aprimoramento contínuo também direcionam o treinador para a eficácia da sua prática (RESENDE, 2016). Esse processo reflexivo também parece contribuir especificamente para o desenvolvimento e refinamento de estratégias de *coaching* (GILBERT; TRUDEL, 2001; KUKLICK; GEARITY, 2015), processo pelo qual compreendem-se distintas etapas, iniciando com a identificação dos problemas e finalizando pela avaliação do processo de resolução do mesmo (GILBERT; TRUDEL, 2001). Para o treinador investigado, o maior problema identificado foi a necessidade de elaboração de novas configurações de treino, uma dificuldade que pode ser comum a treinadores de participação, já que não possuem a referência do rendimento competitivo como indicador na elaboração e ajustes dos treinos.

Apesar do treinador investigado fazer uma avaliação geral positiva da sua atuação, ele reconhece o que pode ser melhorado e ressalta a carga de responsabilidade que carrega consigo. Segundo o ICCE (2013), quanto mais experiências e capacidades o treinador apresenta, mais complexas são as suas funções e mais responsabilidades elas acarretam. Acredita-se que nos

esportes de aventura essa carga é acentuada pelo risco presente na prática, em que a responsabilidade da exposição dos alunos, bem como o gerenciamento dos riscos fica predominantemente sob o treinador.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da presente pesquisa, conclui-se que o processo de *coaching* na canoagem havaiana, para o caso investigado, ocorre em três fases: o pré-treino, momento de planejamento; o treino, a condução do treino; e o pós-treino, a avaliação. Acredita-se que todos os diferenciais do processo de *coaching* do presente estudo, quando comparados com modalidades esportivas convencionais (praticadas em ambientes controláveis), estão todos relacionados ao ambiente de prática. As características de imprevisibilidade e risco do ambiente parecem refletir em todas as fases do processo de *coaching*, o que demanda do treinador julgamentos profissionais e tomadas de decisão contínuas para responder à essas condições e manter a segurança e aprendizagem dos alunos.

Os achados desse estudo visam contribuir para o campo prático e científico dos esportes de aventura e da canoagem havaiana. Para os treinadores, esse estudo busca promover reflexões acerca das fases do processo de *coaching*, bem como dos elementos que elas compõem, as quais podem contribuir em novos direcionamentos de atuação. Já para a comunidade científica, busca contribuir na construção do corpo de conhecimento acerca do *coaching* na canoagem havaiana e na ampliação dos conhecimentos acerca dos esportes de aventura.

REFERÊNCIAS

- BLODGETT, Amy T, *et al.* In indigenous words: Exploring vignettes as a narrative strategy for presenting the research voices of Aboriginal community members. **Qualitative Inquiry**, v. 17, n. 6, p. 522-533, 2011.
- BRASIL, Vinicius Zeilmann, *et al.* Os conhecimentos de base para intervenção pedagógica do treinador de surf. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 4, p. 807-817, 2017.
- BRASIL, Vinicius Zeilmann, *et al.* As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 403-416, 2016.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; WEATE, Paul. Using thematic analysis in sport and exercise research. **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**: Routledge, 2016. p. 213-227.

CBCA. Confederação Brasileira de Canoagem. **Emancipação**. 2019a. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/emancipacao/id/396>>. Acesso em 09 de Maio.

_____. Confederação Brasileira de Canoagem. **História**. 2019b. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/153>>. Acesso em 09 de Maio.

_____. Confederação Brasileira de Canoagem. **Regulamento**. 2019c. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/regulamento/id/152>>. Acesso em 09 de Maio.

COLLINS, Loel; COLLINS, Dave. Conceptualizing the adventure-sports coach. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 12, n. 1, p. 81-93, 2012.

_____. Decision making and risk management in adventure sports coaching. **Quest**, v. 65, n. 1, p. 72-82, 2013.

_____. Integration of professional judgement and decision-making in high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Sports Sciences**, v. 33, n. 6, p. 622-633, 2015.

_____. The foci of in-action professional judgement and decision-making in high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 17, n. 2, p. 122-132, 2016a.

_____. Professional judgement and decision-making in the planning process of high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v. 16, n. 3, p. 256-268, 2016b.

CÔTÉ, Jean, *et al.* The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-17, 1995.

CUSHION, Christopher J; ARMOUR, Kathleen M; JONES, Robyn L. Locating the coaching process in practice: models 'for' and 'of' coaching. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 11, n. 01, p. 83-99, 2006.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **The Sage handbook of qualitative research** Sage, 2018.

DUARTE, Tiago; CULVER, Diane M. Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, n. 4, p. 441-456, 2014.

FUNOLLET, Feliu. Propuesta de clasificación de las actividades deportivas en el medio natural. **Apunts: Educación Física y Deportes**, v. 41, n. 124-129, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: 2008.

GILBERT, Wade; CÔTÉ, Jean. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

GILBERT, Wade D; TRUDEL, Pierre. Learning to coach through experience: Reflection in model youth sport coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 21, n. 1, p. 16-34, 2001.

GILBERT, Wade D; TRUDEL, Pierre; HAUGHIAN, Leon P. Interactive decision making factors considered by coaches of youth ice hockey during games. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 18, n. 3, p. 290-311, 1999.

HUGHES, Rhidian. Considering the vignette technique and its application to a study of drug injecting and HIV risk and safer behaviour. **Sociology of Health & Illness**, v. 20, n. 3, p. 381-400, 1998.

ICCE. **International sport coaching framework**. 2013. 55 p.

JANUÁRIO, Carlos. Métodos de investigação no pensamento do professor. **Do pensamento do professor à sala de aula**. Coimbra: Almedina, 1996. p. 51-65.

JONES, Robyn L; BAILEY, Jake; THOMPSON, Andrew. Further thoughts on managing the complex coaching context. **Coaching, pedagogy, and communication in sports coaching**, p. 271, 2013.

KUKLICK, Clayton R; GEARITY, Brian T. A review of reflective practice and its application for the football strength and conditioning coach. **Strength & Conditioning Journal**, v. 37, n. 6, p. 43-51, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

PAIXÃO, Jairo Antônio da, *et al.* Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 415-425, 2011.

RESENDE, Rui. Formação de Treinadores Desportivos no séc. XXI. **Reflexões sobre educação física e a formação de seus profissionais**. São Paulo: Edição Hipóteses, 2016. cap. 3, p.

RESENDE, Rui, *et al.* Exercício profissional do treinador desportivo: Do conhecimento a uma competência eficaz. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 1, p. 42-58, 2017.

SAURY, Jacques; DURAND, Marc. Practical knowledge in expert coaches: On-site study of coaching in sailing. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 69, n. 3, p. 254-266, 1998.

SHENTON, Andrew K. Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. **Education for Information**, v. 22, n. 2, p. 63-75, 2004.

SMITH, Brett; MCGANNON, Kerry R. Developing rigor in qualitative research: Problems and opportunities within sport and exercise psychology. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 11, n. 1, p. 101-121, 2017.

SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. Qualitative interviewing in the sport and exercise sciences. **Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise**, p. 103-123, 2016.

SPALDING, Nicola J; PHILLIPS, Terry. Exploring the use of vignettes: From validity to trustworthiness. **Qualitative Health Research**, v. 17, n. 7, p. 954-962, 2007.

THORPE, Holly; WHEATON, Belinda. 'Generation X Games', action sports and the Olympic movement: Understanding the cultural politics of incorporation. **Sociology**, v. 45, n. 5, p. 830-847, 2011.

TONG, Allison; SAINSBURY, Peter; CRAIG, Jonathan. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. **International Journal for Quality in Health Care**, v. 19, n. 6, p. 349-357, 2007.

YIN, Robert K. What is qualitative research and why might you consider doing such research? In: THE GUILFORD PRESS (Ed.). **Qualitative research from start to finish**. New York, 2011. cap. 1, p. 3-24.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 SÍNTESE DAS PRINCIPAIS EVIDÊNCIAS

Considerando o levantamento de estudos acerca do *coaching* nos esportes de aventura, destaca-se que esta é uma área recente, iniciada nos anos 2000 e mais difundida a partir de 2015. Embora ela ainda esteja em desenvolvimento, os estudos publicados já são capazes de elucidar o campo e suportam os conhecimentos de base para o desenvolvimento de novos estudos. De modo geral, as publicações existentes subdividem-se em dois subgrupos: atuação e desenvolvimento do treinador. Em ambos os subgrupos o que mais se destaca, quando comparado ao *coaching* em esportes convencionais, é o contexto e as características do ambiente de prática. Desta forma, a atuação e o desenvolvimento do treinador parecem ser influenciados diretamente pelo ambiente natural, o risco, a instabilidade e as incertezas inerentes aos esportes de aventura. Para a atuação do treinador, é necessário que ele domine esses conhecimentos sobre a leitura do ambiente para que ele seja capaz de fazer julgamentos e tomadas de decisão constantes para a manutenção da segurança do aluno. Já quanto à aprendizagem, esta parece estar relacionada às experiências em ambientes naturais durante a infância, as quais parecem influenciar posteriormente na valorização das experiências práticas pessoais e com os pares.

Ao analisar a trajetória de vida de um treinador de canoagem havaiana, essas experiências durante a infância formam os primeiros episódios significativos que contribuíram para o estabelecimento e desenvolvimento do seu campo de atuação. Porém, foi a partir da continuidade do envolvimento no período da adolescência que o levou a se engajar na trajetória profissional de treinador. Considerando a especificidade do caso investigado, por se tratar de uma modalidade de aventura emergente, o desafio de assumir o papel de treinador se deu juntamente com a necessidade de desbravar do próprio campo de atuação. Esta realidade parece ser comum a demais modalidades de aventura emergentes, as quais não contam com uma entidade representativa organizada e estruturada, capaz de dar suporte na formação e atuação de seus treinadores. Deste modo, o contexto de formação do treinador investigado se deu por fontes informais (experiências práticas e conteúdo online) e formais (cursos de nível superior) em áreas complementares, mas não específicas da profissão. Embora o treinador investigado tenha obtido sucesso na sua trajetória, o desbravamento da área profissional parece ser recorrente em demais TEA, nem sempre conseguindo transpassá-la com êxito. Desta forma,

acredita-se que um meio de potencializar a trajetória profissional de treinadores de esportes de aventura, seria pelo suporte das entidades representativas das modalidades na formação de seus treinadores, assim como o engajamento destas aos debates acerca da formação profissional em Educação Física.

Porém, enquanto este suporte organizacional ainda não faz parte do contexto da canoagem havaiana, o presente estudo buscou investigar, com profundidade, como ocorre a atuação desse treinador, após o desenvolvimento e estabelecimento do seu próprio campo de atuação, a partir da investigação acerca do seu processo de *coaching*. Tal processo parece compreender três períodos distintos, o pré-treino, momento de planejamento; o treino, momento de condução do treino; e o pós-treino, momento de avaliação e reflexão. A partir da investigação desses três períodos, o que mais influencia o processo de *coaching* de TEA e os diferencia daquele desenvolvido por treinadores de esportes convencionais é o ambiente de prática. Assim como destacado na revisão sistemática dessa dissertação, as características de imprevisibilidade e risco são as que mais parecem refletir no processo de *coaching*, o que demanda do treinador constantes julgamentos e tomadas de decisão para poder proporcionar condições de treinamento seguras e que potencializem a aprendizagem.

Deste modo, percebe-se que apesar da área dos treinadores de esportes de aventura ainda estar em desenvolvimento, ela já é capaz de dar suporte ao tema. Contudo, devido ao crescimento e popularização de algumas modalidades, como a canoagem havaiana, as entidades representativas ainda não conseguem suportar todos os pilares da modalidade, como a formação e atuação dos treinadores. Assim, percebe-se que a trajetória desses treinadores é baseada nas suas experiências práticas e, ao transitarem do papel de praticante para treinador, além de enfrentarem os desafios do novo papel, também acabam por terem que desbravar e estabelecer o próprio campo para poderem atuar.

5.2 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E DIRECIONAMENTOS PARA ESTUDOS FUTUROS

Com base nas evidências encontradas nos estudos que compõem a presente dissertação, são realizados alguns apontamentos para implicações práticas acerca do desenvolvimento e estabelecimento do campo de atuação, bem como do processo de *coaching* de treinadores de canoagem havaiana. Quanto ao desenvolvimento dos treinadores, ressalta-se que as entidades representativas da modalidade têm potencial para contribuir na sua formação, uma vez que, por meio de cursos voltados para os diferentes contextos, podem promover conhecimentos

direcionados e específicos, os quais somarão às experiências práticas do treinador. Deste modo, a trajetória poderá ser mais direcionada e conduzirá para um campo de atuação estabelecido e suportado, tornando a atuação mais segura, já que os treinadores estarão formados para lidar com as situações de risco e imprevisibilidade proporcionadas pelo ambiente e terão o suporte da entidade. Já quanto ao processo de *coaching*, acredita-se que a integração entre os treinadores de diferentes contextos e clubes pode fomentar o compartilhamento de conhecimentos e experiências entre eles. Tal compartilhamento pode instigar novas possibilidades no processo de *coaching*, seja na fase de planejamento, condução do treino ou avaliação e reflexão. Deste modo, aponta-se para que as entidades da modalidade sejam mais ativas e promovam oportunidades para os treinadores, seja por meio cursos, eventos e até mesmo comunidades de prática.

Para a realização de estudos futuros, acredita-se que alguns novos direcionamentos possam ser tomados. Quanto à trajetória de vida, acredita-se que outros agentes podem ser investigados para complementar o olhar do treinador, principalmente aqueles que tiveram papéis importantes na sua trajetória, como por exemplo mentores e parceiros. Acredita-se que para a aquisição de dados robustos, outras fontes podem ser utilizadas além das entrevistas, como por exemplo a recolha de documentos. Já quanto ao processo de *coaching*, acredita-se que investigar os instrutores que atuam diretamente com o treinador pode contribuir na compreensão do processo, uma vez que eles são ativos e envolvidos em algumas das fases do *coaching*.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Vinicius Zeilmann. **O conhecimento profissional do treinador de surf** 2015. 161 f. f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015. 2015.

BRASIL, Vinicius Zeilmann, *et al.* The learning pathways of Brazilian surf coach developers. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 3, p. 349-361, 2018.

BRASIL, Vinicius Zeilmann, *et al.* As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 403-416, 2016.

CARVALHO, A. C. S. ; GONZALEZ, M.; SANTOS, J. L. A canoa havaiana como instrumento pedagógico e sua interface com a educação ambiental no turismo da baixada santista, SP. **Revista Ceciliana**, v. 2, p. 16-22, 2012.

CBCA. Confederação Brasileira de Canoagem. **Emancipação**. 2019a. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/emancipacao/id/396> >. Acesso em 09 de Maio.

_____. Confederação Brasileira de Canoagem. **História**. 2019b. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/153> >. Acesso em 09 de Maio.

_____. Confederação Brasileira de Canoagem. **Regulamento**. 2019c. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/regulamento/id/152> >. Acesso em 09 de Maio.

CBME. **Sobre a CBME**. 2016. Disponível em: <<http://www.cbme.org.br/novo/sobre-a-cbme/> >. Acesso em 07/02/2019.

CBSK. **Estatuto da Confederação Brasileira de Skate**. 2016. Disponível em: <<http://principo.org/estatuto-da-confederacao-brasileira-de-skate.html> >. Acesso em 07/02/2019.

CBVAA. **Estatuto da associação da comissão brasileira de va'a**. 2017. Disponível em: <http://www.cbvaa.com.br/e107_plugins/download/download.php?action=list&id=2 >.

_____. Confederação Brasileira de Va'a. **Curso Nacional Para Formação de Arbitro de Va'a**. 2019. Disponível em: <http://www.cbvaa.com.br/e107_plugins/download/download.php?action=view&id=276 >. Acesso em 09 de Maio.

CIAMPOLINI, Vitor, *et al.* Research review on coaches' perceptions regarding the teaching strategies experienced in coach education programs. **International Journal of Sports Science & Coaching**, p. 1747954119833597, 2019.

COLLINS, Loel; COLLINS, Dave. Conceptualizing the adventure-sports coach. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 12, n. 1, p. 81-93, 2012.

_____. Integration of professional judgement and decision-making in high-level adventure sports coaching practice. **Journal of Sports Sciences**, v. 33, n. 6, p. 622-633, 2015.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Journal of Physical Education**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

COTÉ, Jean, *et al.* The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-17, 1995.

CÔTÉ, Jean, *et al.* The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-17, 1995.

CUSHION, Christopher J; ARMOUR, Kathleen M; JONES, Robyn L. Locating the coaching process in practice: models 'for' and 'of' coaching. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 11, n. 01, p. 83-99, 2006.

CUSHION, Christopher, *et al.* Coach learning and development: A review of literature. **Leeds: sports coach UK**, 2010.

GILBERT, Wade; CÔTÉ, Jean. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

GILBERT, Wade D; TRUDEL, Pierre. Analysis of coaching science research published from 1970–2001. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 75, n. 4, p. 388-399, 2004.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 3, p. 401-421, 2007.

HALEY, Amanda; NICHOLS, Andrew. A survey of injuries and medical conditions affecting competitive adult outrigger canoe paddlers on Oahu. **Hawaii Medical Journal**, v. 68, n. 7, p. 162, 2009.

HUMPHRIES, Brendan, *et al.* Kinanthropometric and physiological characteristics of outrigger canoe paddlers. **Journal of Sports Sciences**, v. 18, n. 6, p. 395-399, 2000.

JONES, Robyn L; WALLACE, Mike. Another bad day at the training ground: Coping with ambiguity in the coaching context. **Sport, Education and Society**, v. 10, n. 1, p. 119-134, 2005.

LANGAN, Edel; BLAKE, Catherine; LONSDALE, Chris. Systematic review of the effectiveness of interpersonal coach education interventions on athlete outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 14, n. 1, p. 37-49, 2013.

MESQUITA, Isabel. **A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos**. Lisboa: 2000. 1 - 96 p.

MILISTETD, Michel, *et al.* Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 165-172, 2014.

MOTA, Cahê; SEDA, Vicente. **Jogos de Tóquio 2020 terão escalada, surfe, skate, caratê e beisebol/softbol**. 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/jogos-de-toquio-2020-terao-escalada-surfe-skate-carate-e-beisebolsoftbol.html>>. Acesso em 09 de Maio.

PAIXÃO, Jairo Antônio da, *et al.* Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 415-425, 2011.

STOSZKOWSKI, John; COLLINS, Dave. Sources, topics and use of knowledge by coaches. **Journal of sports sciences**, v. 34, n. 9, p. 794-802, 2016.

THORPE, Holly; WHEATON, Belinda. ‘Generation X Games’, action sports and the Olympic movement: Understanding the cultural politics of incorporation. **Sociology**, v. 45, n. 5, p. 830-847, 2011.

WALKER, Lauren F; THOMAS, Rebecca; DRISKA, Andrew P. Informal and nonformal learning for sport coaches: A systematic review. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 5, p. 694-707, 2018.

APÊNDICE A – Parecer do comitê de ética em pesquisa com seres humanos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A construção do conhecimento de treinadores de esportes de aventura: a aprendizagem profissional como um processo de participação social

Pesquisador: VALMOR RAMOS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 94066718.5.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.332.626

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE TREINADORES DE ESPORTES DE AVENTURA: A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL COMO UM PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL", corresponde a uma pesquisa do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da UDESC, CEFID/UDESC, sob a responsabilidade do professor Valmor Ramos do Laboratório de Pedagogia do Esporte e da Educação Física (Lapef/CEFID/UDESC). Situado na área de ciências da Saúde, visa investigar o processo de construção dos conhecimentos dos Treinadores de Esportes de Aventura, TEA, tendo como referência os cenários e os significados pessoais (sociais e culturais) envolvidos neste processo. Para tanto, serão entrevistados até 6 indivíduos ligados a estas atividades, adotando como estratégia de investigação os procedimentos de Estudo de Casos Múltiplos (YIN, 2011), com o propósito de descrever e analisar cada caso de maneira profunda, possibilitando a compreensão de fenômenos sociais complexos a partir da realidade do próprio indivíduo investigado, bem como a comparação entre os casos, permitindo a identificação das semelhanças e diferenças entre eles – situado a abrangência das atividades realizadas na Ilha de Santa Catarina. Tem cronograma de atividades que se inicia em 01/10/2018 e prevista a conclusão para 28/06/2019. Apresenta como sendo zero o valor de custos envolvidos na pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Tem por objetivos assumidos:

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.332.626

Objetivo Primário: Analisar o processo de construção de conhecimentos para a intervenção profissional de treinadores de esportes de aventura (TEA).

Objetivos Secundários:

- a) Analisar as percepções dos TEA sobre as características de sua atuação profissional; b) Identificar as experiências pessoais e profissionais dos TEA que influenciam na sua intervenção profissional enquanto treinador;
- c) Averiguar as fontes de conhecimento dos TEA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Assume como riscos mínimos os riscos – por envolver apenas o acesso aos indivíduos fontes de dados, em entrevista. Facultando a desistência.

Critério de Inclusão:

- a) possuir como atividade profissional principal a atuação como treinador de alguma destas modalidades no período de realização do estudo;
- b) possuir experiência de prática pessoal na modalidade em que atua;
- c) possuir experiência de prática profissional como TEA de, no mínimo, 10 anos;
- d) expressar disponibilidade e motivação para participar do estudo.

Critério de Exclusão:

- a) não possuir como atividade profissional principal a atuação como treinador de alguma destas modalidades no período de realização do estudo;
- b) não possuir experiência de prática pessoal na modalidade em que atua;
- c) não possuir experiência de prática profissional como TEA de, no mínimo, 10 anos;
- d) não expressar disponibilidade e motivação para participar do estudo.

Benefícios:

Poderá fornecer esclarecimentos e direcionamentos objetivos sobre a aprendizagem destes profissionais, TEA, e também a respeito dos conhecimentos para esta profissão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Apresenta fundamentação teórica compatível e cita, de alguma forma, os termos de compromisso e responsabilidade ética, em conformidade com as Resoluções 466/2012 e/ou 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, vinculado ao Ministério da Saúde do Brasil, com documentos constantes no CEP SH/UDESC.

É acrescentada Emenda – inclusão de instituição, implicando na aplicação dos mesmos

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.332.626

procedimentos que as demais, anteriores, com o respectivo termo de Ciência e Concordância entre as Instituições envolvidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos aptos apresentados:

Folha de Rosto;

Projeto Detalhado;

Informações Básicas do Projeto – Atualizado;

TCLE;

Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações;

Termos de Ciência e Concordância entre as Instituições envolvidas – acrescentado pela Emenda solicitada.

Recomendações:

Não há recomendações;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está apto para ser apreciado e em condições de ser aprovado pelos critérios do CEP SH/ UDESC, em conformidade com as Resoluções 466/2012 e/ou 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, vinculado ao Ministério da Saúde do Brasil.

Foi incluída uma Emenda – em termos de acréscimo de uma instituição envolvida, com os mesmos procedimentos das demais, tendo sido acrescentado o respectivo termo de Ciência e Concordância.

Conclusão: Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEP SH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEP SH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEP SH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEP SH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.

Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido

Endereço: Av.Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.332.626

Termo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1339250_E1.pdf	02/05/2019 13:04:54		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisaTreinadoresEsportesAv enturaCEPSH_Emenda.pdf	02/05/2019 13:04:27	VALMOR RAMOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaodeCienciaDasInstituicoesD.p df	02/05/2019 12:54:30	VALMOR RAMOS	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoAssinada.pdf	02/05/2019 12:52:01	VALMOR RAMOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoCiencialstituicoesEnvolvida s_C.pdf	16/07/2018 15:33:33	VALMOR RAMOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoCiencialstituicoesEnvolvida s_B.pdf	16/07/2018 15:33:18	VALMOR RAMOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoCiencialstituicoesEnvolvida s_A.pdf	16/07/2018 15:33:05	VALMOR RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Consentimento_para_fotografias_videos _e_gravacoes_maiores_18_anos.doc	16/07/2018 15:26:27	VALMOR RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_escla recido_TEA.doc	16/07/2018 15:18:31	VALMOR RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
 Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.332.626

FLORIANOPOLIS, 17 de Maio de 2019

Assinado por:
Renan Thiago Campestrini
(Coordenador(a))

Endereço: Av.Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado treinador,

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa de mestrado, denominada “O TREINADOR DE CANOAGEM HAVAIANA: DO ESTABELECIMENTO DO CAMPO DE ATUAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE COACHING”. O objetivo desta pesquisa é analisar a ciência do treinador de esportes de aventura e os processos de estabelecimento de campo e atuação na canoagem havaiana. Especificamente, os objetivos são compreender sua trajetória pessoal e profissional nos papéis de treinador e empreendedor para desenvolver a canoagem havaiana na região, bem como analisar seu processo de *coaching*, que compreende desde o planejamento, condução e avaliação dos treinos. Os riscos são mínimos, pois não se trata de uma avaliação, mas sim um relato de sua opinião pessoal sobre suas experiências e o seu modo particular de ensinar a canoagem havaiana. A entrevista será de acordo com a sua conveniência e em local escolhido pelo senhor diminuindo a possibilidade de ocorrer algum constrangimento. Além disso, sua identidade será resguardada e as informações obtidas nas entrevistas serão guardadas em computador de acesso somente ao pesquisador principal da pesquisa, diminuindo o risco de quebra de sigilo.

Todas as informações fornecidas serão resguardadas em local seguro no qual apenas o pesquisador responsável terá acesso. As informações, depois de digitalizadas, permanecerão igualmente resguardadas em computador pessoal deste mesmo pesquisador. Esclarecemos que a qualquer momento e por qualquer motivo que julgue conveniente e sem constrangimentos, você poderá obter as informações sobre o andamento do estudo e terá a liberdade de retirar-se da pesquisa, ou ainda que seus dados não sejam utilizados.

Os benefícios deste estudo estão relacionados às orientações importantes para futuros treinadores de canoagem havaiana, aos conhecimentos necessários para atuar como treinador nesta modalidade. Os resultados desta pesquisa podem contribuir com o currículo de cursos de formação profissional em Educação Física e esportes (graduação, especialização, atualização) e em cursos de federações e associações ligadas a atividade de ensino da canoagem havaiana.

Dessa forma solicitamos a sua participação voluntária no estudo e autorização para o uso dos dados coletados para a produção de trabalhos acadêmicos, técnicos, didáticos e científicos, sem fins lucrativos. Reiteramos que sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome ou de elementos que o identifiquem diretamente nos textos e formas de divulgação científica.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador responsável e outra com o senhor.

Agradecemos a sua participação.

Nome do pesquisador: Profª. Tayná Iha

Endereço para contato: Rua: Guarino Todescato, 93. Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC

Fone para contato: (48) 99810-4787

Assinatura do pesquisador: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado (a) sobre todos os procedimentos da pesquisa “O treinador de canoagem havaiana: do estabelecimento do campo de atuação à organização do processo de coaching” e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado (a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso: _____

Assinatura: _____ Local: _____ Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE C – Guia da entrevista semiestruturada (Estudo II)

PARTE I

Você pode contar a sua trajetória de vida na canoa e como você chegou aonde está hoje?

PARTE II

1. Descreva uma situação em que você fez alguma coisa por si mesmo (ou seja, em que teve uma atitude marcante para você mesmo).
2. Descreva uma situação em que foi necessário persuadir alguém para poder alcançar o seu objetivo (ou que você tivesse que conseguir alguém que fizesse algo que você queria).
3. Descreva uma situação em que teve muita dificuldade em conseguir algo.
4. Descreva uma situação em que você teve uma atitude marcante em seu trabalho, pesquisa, projeto, gestão... (fez algo que causou sensação de realização pessoal).
5. Descreva uma situação em que você correu risco (onde o fracasso ou sucesso dependeu de você).
6. Descreva uma situação em que você teve que rever seus planos iniciais e adequar ao momento.
7. Descreva uma situação em que você pessoalmente foi obter informações necessárias para um determinado projeto.
8. Descreva uma situação em que você viu uma oportunidade fora do comum para iniciar um projeto.

9. Descreva uma situação em que você teve que agir diretamente para conseguir que um determinado projeto pudesse ser terminado no prazo ou que atendesse ao padrão de qualidade desejado.

10. Descreva uma situação em que você manteve seu ponto de vista mesmo diante de resultados desanimadores.

APÊNDICE D – Guias das entrevistas semiestruturadas (Estudo III)

CONTEXTO

QUESTÃO NORTEADORA	APROFUNDAMENTO	OBJETIVO
Qual é a sua experiência na canoagem havaiana?	Experiências práticas Experiências profissionais Formações e cursos	
Onde e como você acredita ter adquirido elas?	Contextos de aprendizagem Situações de aprendizagem	Background (Infos gerais)
O que te faz um treinador destaque? O que você acredita ser seu diferencial? Por que?	Características pessoais Crenças	
Como é o seu ambiente de trabalho?	Com quem trabalha Como são as relações com essas pessoas Como são as relações com os alunos Como é a rotina de trabalho	
Quais são os desafios do seu trabalho?	Condições de trabalho Logísticas Relações	Contexto
Quais são as características das suas turmas/alunos?	Tamanho das turmas Gênero predominante Nível de habilidade Motivações	
Por que você ensina canoagem havaiana?	Motivações	
Qual é o seu objetivo principal como treinador?	Filosofia de trabalho Crenças	
O que você almeja com os treinamentos?	Objetivos a curto prazo Objetivos a médio prazo Objetivos a longo prazo Objetivos pessoais Objetivos para o grupo	Filosofia do treinador
O que mais influencia a forma como você trabalha hoje?	Influências Interferências Referências	

PRÉ-TREINO

QUESTÃO NORTEADORA	APROFUNDAMENTO	OBJETIVO
Qual é o grupo que você realizará esse treino?	Turma Tamanho da turma	Conhecimento sobre a turma
O que você sabe sobre esse grupo?	Experiências/ nível Habilidades	
Quais são os objetivos deles?	Objetivos	
O que os motiva?	Motivações	
O que você planejou para esse treino?	Objetivo do treino	Concepção de planejamento de treino
Qual será o objetivo? Por que?	Elaboração dentro do macrociclo	
Como você chegou a essa configuração?	Elaboração no micro Lógica de organização	
O que você vai precisar para esse treino?	Materiais necessários	
Como você planeja a execução dele?	Procedimentos	
Durante o treino, o que pode afetar suas decisões acerca do plano?	Adaptação Condições climáticas	
Que acontecimentos você antecipa durante a elaboração do plano?	Experiências dos alunos Habilidades dos alunos Segurança Logística	

TREINO E PÓS-TREINO

QUESTÃO NORTEADORA	APROFUNDAMENTO	OBJETIVO
Como ocorreu o treino?		Condução do treino
Como você se portou nos treinos?	Atuação do treinador	
Ele seguiu como o planejado?	Execução do plano	
O que aconteceu de diferente?	Adaptação do plano	
Como você lidou com essas situações?	Tomadas de decisão	
Quão efetivo foi o seu treino? Por que?	Avaliação da sessão	Reflexões e avaliações sobre a prática
Como você avaliou e preparou o ambiente?	Avaliação do ambiente/contexto	
O que esse treino influenciará as outras sessões e o planejamento a longo prazo?	Reflexão sobre o objetivo a longo prazo	
O que você poderia ter feito de diferente?	Avaliação pessoal da atuação	
O que você pode fazer para melhorar nos próximos treinos?	Reflexão pessoal da atuação	